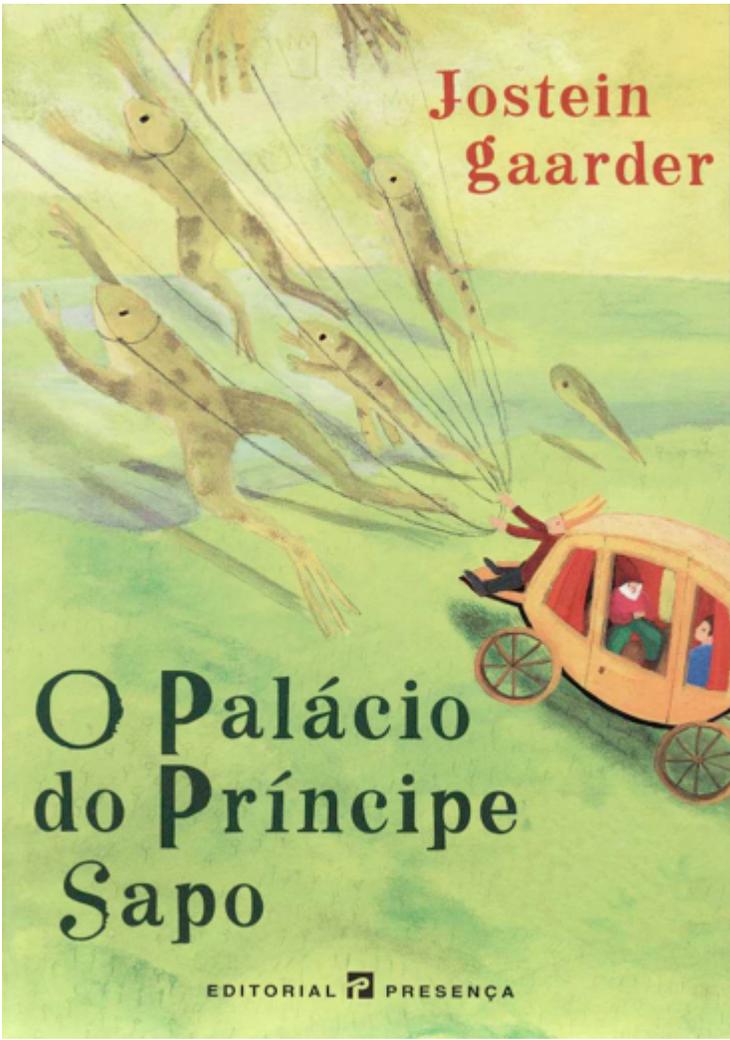




Jostein
gaarder

O Palácio do Príncipe Sapo

EDITORIAL  PRESENÇA



Jostein
Gaarder

O Palácio
do Príncipe
Sapo

EDITORIAL  PRESENÇA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Estava uma belíssima noite de luar e o príncipe Kristoffer Poffer passeava descalço pela floresta, sentindo sob os pés o frio gelado da neve. De repente, algo de extraordinário aconteceu — ali mesmo à sua frente, apareceu uma criatura pequenina de aspecto engraçado, toda vestida de verde e com um barrete vermelho enfiado na sua minúscula cabecinha... um duende!! Nada mais, nada menos! Gulosos como são, os duendes estão sempre a preparar coisas deliciosas, como por exemplo PANQUECAS COM DOCE DE MORANGO! E foi assim que o príncipe Poffer aceitou o saboroso convite do duende Umpin e o seguiu até sua casa. O que Poffer não podia imaginar era a torrente de fantásticas aventuras que se iam seguir. Quando Poffer e Umpin passam, como que por magia, daquela noite de Inverno para um quente dia de Verão, tudo começa a acontecer. Primeiro Poffer tem de beijar um enorme sapo verde, que afinal era um príncipe enfeitiçado e que... Bom, mas parece que já estou a contar-te demasiadas coisas. Se quiseres mesmo saber o que se passou no Palácio do Príncipe Sapo mergulha nestas páginas e descobre este mundo encantado e misterioso onde tudo é possível.



EDITORIAL  PRESENÇA

JOSTEIN GAARDER

O Palácio do Príncipe Sapo

Tradução de Maria Luísa Ringstad

FICHA TÉCNICA

Título original: *Froskeslottet*

Autor: *Jostein Gaarder*

Tradução: *Maria Luísa Ringstad*

Capa: *Lupa Design — Danuta Wojciechowska*

Pré-impressão, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, Dezembro, 1999

2.ª edição, Lisboa, Janeiro, 2000

3.ª edição, Lisboa, Fevereiro, 2001

4.ª edição, Lisboa, Fevereiro, 2002

5.ª edição, Lisboa, Outubro, 2003

Para Kristoffer

O LUAR

Não me lembro de como tudo começou. Só sei que passeava ao luar e sobre a neve havia uma fina camada de gelo. Era contudo estranho para um começo, já que as crianças não costumam passear à noite sozinhas na floresta. Via a Lua, lá no alto, redonda como um balão, como se estivesse suspensa sobre os abetos. Mas, nessa noite, passaram-se coisas ainda mais estranhas.

Ao passar pela lagoa, onde, com o meu pai, costumava estender-me no chão para observar os girinos, apareceu de repente à minha frente um duende. Não teria estranhado se ele tivesse surgido furtivamente do arvoredo ou de outro lado qualquer, mas não foi assim que aconteceu.

Sentado na neve, tentava lembrar-me de qualquer coisa que se me esvaía do pensamento. Inesperadamente, como que surgindo de algum lugar fora da floresta, apareceu diante de mim um duende. A exceção da touca vermelha que os duendes costumam usar, estava todo vestido de verde. Embora adulto, era muito mais baixo que eu.

Quando já podia vê-lo tão nitidamente como as árvores à minha volta ouço-o proferir as primeiras palavras:

— Com que então?

E, resoluto, voltou a repetir:

— Com que então?

Era uma forma pouco usual de entabular uma conversa. «Com que então?» é para ocasiões em que nada há para dizer e se pretende obter uma resposta da outra pessoa.

Perguntei com cautela:

— Com que então, o quê?

Olhando para mim, o duende franziu os olhos como se o luar lhe ferisse a vista e disse:

— Andas então a passear por aqui?

Era desnecessário mencionar aquilo. Tanto ele como eu sabíamos que andávamos ambos a passear ali, na neve, junto à lagoa das salamandras.

Apeteceu-me dizer que não para desorientá-lo. Mas respondi:

— Nesse caso, somos dois.

Não achando a minha resposta acertada, o duende replicou:

— Ao luar, com roupa de dormir, não somos dois, não.

Só então reparei no pijama com carros e motocicletas que vestia e tive vontade de me esconder. Mas, apanhado em flagrante, não era fácil esconder-me do duende.

Tentei responder com um ar adulto:

— O meu pijama é muito confortável em qualquer estação. Se acha estranho que eu ande de pijama, nem imagina o que eu penso de ti por seres um duende.

Ele estava decidido a ganhar a partida. Apontou o dedo para mim e disse:

— O que acho realmente estranho é andares descalço por aí na neve. Deves ser bem pobre para não poderes comprar sequer um par de pantufas.

Olhei para os meus pés e fiquei ainda mais desconcertado do que ficara antes por causa do pijama. Só nessa ocasião me apercebi de que não tinha sapatos e tinha os dedos enregelados. Como seria bom ter ali um edredom para me aquecer — pensei — mas não disse nada. Claro que ninguém anda ao luar, com um edredom a arrastar pela neve.

— Os meus pais até são muito ricos. Vivemos numa casa espaçosa com cadeiras de lona na varanda. Se eles quiserem, até podem comprar mais de mil pares de sapatos, mas eles acham que andar descalço é bom para a saúde. Às vezes, chamam-me mesmo príncipezinho.

O duende tomou nota desta última frase e, fazendo uma vênua profunda, perguntou:

— Como se chama o Príncipe?

— Chamo-me Kristoffer Poffer — respondi com cortesia.

Não era bem assim. Mas se eu dissesse Kristoffer Hansen, ele não teria acreditado que eu era um príncipe de verdade.

Então o duende comentou:

— Muito interessante. Li uma vez num livro que príncipes dessa estirpe têm uma predileção muito especial por panquecas com doce de morango. Por coincidência, acabo de fazer uma porção delas. Morangos é coisa que não falta no meu jardim.

Não acreditei. Quando os adultos querem chamar a atenção de alguém gabam-se de saber fazer panquecas e outras coisas mais. Olhei depois para a neve e pensei para comigo que ainda não era a época dos morangos. Mas sabia também que os duendes são mais espertos que nós, as crianças, e calei-me. Se não fosse pela cara enrugada e a touca vermelha, diria que ele ainda era uma criança.

Os seus olhos azuis como grandes bagas de mirtilo, tinham uma expressão triste. Perguntou:

— Quer provar?

Aterrorizado, interroguei-o:

— Mirtilos?

O duende não respondeu logo.

— Estou eu aqui a convidar um passeante noturno que passeia na neve, descalço, para comer panquecas com doce de morango, e o que é que ele faz, esse príncipezinho Poffer? Tem a desfaçatez de pedir mirtilos. São episódios como estes que nos entristecem, que fazem de nós uma raça triste da floresta. Acabou de dizer que eu sou um tristonho.

Tive de refletir no que acabara de dizer. Lembrava-me de ter pensado, mas pensar não é a mesma coisa que dizer.

E continuou:

— Este problema não é nada difícil. Quer panquecas com morangos do meu jardim ou prefere andar por aí, no escuro? O menu não tem outra coisa senão panquecas com doce de morango.

Parecia mesmo o meu pai. Tal como este duende, o meu pai também costumava perguntar pelo menu. Sempre pensei que menu fosse sinônimo de fogão, isto é, o lugar onde se faz a comida, mas ali não se via nenhum fogão.

— Mas não tens um fogão contigo — disse eu. Atônito, começou a coçar as orelhas:

— Desculpe, príncipe Poffer. Creio que não te ouvi bem. Devo ter poeira nos ouvidos.

Repeti:

— Você não tem fogão aqui.

— Mas você acha que costumo andar com um fogão atrás de mim, sempre que saio para ver a Lua? — perguntou o duende.

Para me certificar que os meus ouvidos ainda estavam no seu lugar, levei as mãos à cabeça. Felizmente estavam tão seguros como o nariz.

Os meus pés estavam cada vez mais frios.

— Infelizmente faz corrente de ar aqui, o que não é de estranhar, escancarada como está a floresta.

Ao ouvir isto, assustei-me, não fosse aparecer por ali um lobo ou um leão. Comecei a ficar preocupado com o que pudesse acontecer se continuássemos ali a conversar. Por isso disse:

— Gostaria muito de comer panquecas com doce, se ainda está no menu.

Muito contente, o duende lambeu os lábios, por duas vezes, de cada lado. E então disse:

— Foi uma decisão muito ajuizada, especialmente agora que tenho a casa cheia de morangos silvestres.

Mas eu não via nem morangos, nem casa. Via apenas a Lua sobre as árvores e a camada de gelo fininha.

— Onde está a estufa dos morangos? — perguntei discretamente.

Respondeu o duende:

— Está em pleno Verão, ali, na esquina. Não é permitido entrar lá com roupa de dormir.

Mal concluía a frase, e eu já tinha outra indumentária. As calças verdes e a camisa vermelho-morango que usava agora eram de seda.

Surpreendido como estava, tentei disfarçar.

— Dá-me a tua mão, Kristoffer Poffer — disse o duende.

Nesse momento, lembrei-me de que ainda não sabia o nome dele. A minha mãe sempre me recomendara que jamais deveria ir para casa de estranhos. Esta regra deveria aplicar-se certamente também a duendes. Então perguntei:

— Como se chama?

Fez uma vênia, estendendo um braço, num gesto floreado.

— Chamo-me apenas Umpin.

Depois deu-me a mão e deixamos a paisagem de Inverno. No outro lado, estava um dia quente de Verão. Encontravamo-nos, porém, no mesmo lugar, junto à lagoa das salamandras. Mas agora o Sol resplandecia.

AS PANQUECAS

— Por onde começamos? Vamos às salamandras e depois comemos as panquecas com doce de morango, ou vamos aos girinos depois de comermos?

Não foi preciso escolher. Eu preferia sem dúvida comer primeiro e só então pensar nas salamandras. Por isso sugeri:

— Acho melhor comer as panquecas, antes que alguém as tire do menu.

Ele pousou os olhos em mim, admirado:

— Não gosto nada que me aborream. Se há algo que os duendes não suportam, é exatamente isso. Nós, os duendes sempre usamos da maior deferência para com os príncipes Poffer, inclinando-nos perante eles; de tal modo, que, um dia, o meu bisavô de tanto se inclinar, acabou por cair a dormir.

Fitei-o, sem nada dizer.

— Muita atenção. Um dia, ao ouvir umas palavras estranhas, a minha avó arregalou tanto os olhos que estes lhe saltaram da cara e andaram a rodar pela floresta anos a fio. Foi assim que a floresta se encheu de bagas e é também essa a razão por que os duendes nunca comem panquecas com doce de mirtilo. Mas continuemos. A minha casinha fica ali adiante.

Nunca vira uma árvore tão grossa como a que estava à entrada daquela densa floresta. Apesar de tão grossa, era muito menor que as outras árvores em redor. Olhando melhor, compreendi que era um tronco ou uma raiz. Milhões de morangos silvestres cresciam à sua volta.

Devia ser a casa de Umpin. Os morangos cresciam certamente no seu jardim. Mas a certeza só tive quando o duende abriu uma porta no tronco e anunciou formalmente:

— Kristoffer Poffer. Se não me engano, é bem-vindo ao meu lar!

Entramos. A exceção da casa de bonecas da minha prima Camilla, que vive em Telemark, era a primeira vez que via uma casa tão minúscula. Os objetos que ali estavam pareciam-se tanto com as coisas com que Camilla brincava na casa das bonecas que cheguei a pensar se ele não as teria roubado durante a noite. Mas, daqui até Telemark, são várias horas de carro e os duendes não dirigem. Eram apenas muito semelhantes.

Então, não sobre o menu, mas sim sobre uma mesa, vi um grande frasco de doce de morango, ao lado de um montão de panquecas.

Sentamo-nos à mesa e cada qual serviu-se de uma panqueca. Falamos tanto de morangos silvestres que acabei por perguntar se tinham lagartas. Fiz mal, pois o duende voltou a ficar triste. Tive, por isso, de me explicar:

— Eu só estou habituado a comer morangos do jardim e, às vezes, aparecem bichinhos verdes...

— Kristoffer Poffer — disse o duende sacudindo a cabeça — combinei com as larvas que, se não me aparecerem no jardim, podem entrar e sair livremente dos ouvidos daqueles principezinhos que não querem comer o meu doce.

Já me parecia sentir comichão no nariz e apressei-me a tirar outra panqueca, barrando-a com uma boa camada de doce.

Tínhamos comido umas quatro ou cinco, quando o duende perguntou:

— Quanto saboreou?

— Muito bem! — respondi.

A minha resposta não o satisfez.

— Não deve ter ouvido bem a minha pergunta. Perguntei-te *quanto* saboreou. Se te perguntam quantos anos tem, não responde apenas muito bem.

Mas eu não sabia *quanto* tinha saboreado e dei uma resposta à sorte.

— Cinco e meio.

Enquanto limpava a mesa, Umpin disse:

— Esta é a última vez. Ainda há pouco tempo, um outro príncipe Poffer disse-me que eu era um artista de classe mil.

Ocorreu-me então um pensamento:

— Mas eu queria dizer cinco mil e quinhentos.

O duende começou a dançar à volta da mesa. Depois saltou e deu-me um beijo na cara.

— Vamos agora aos girinos. Lá fora está um dia de Verão.

E, ao passar pelo balcão, levou um frasco vazio de doce.

OS GIRINOS

Já tinha estado na lagoa das salamandras muitas vezes, mas hoje tudo estava diferente. As árvores pareciam ainda mais verdes e o azul do firmamento lembrava uma pintura. Agora, apesar de estar descalço, não me machucava nos galhos das árvores.

Estendido no chão, de barriga para baixo, o duende procurava girinos com o olhar. Perguntou com a cabeça quase roçando na água:

— Sabia que os girinos se transformam em sapos?

Nem sequer respondi. Claro que todo mundo sabe disso. Apenas comentei:

— São precisos muitos girinos para conseguir uma rã inteira.

Umpin mostrou-me os três girinos que tinha no frasco.

— Sabe que os sapos se transformam em príncipes se lhes dermos um beijo e que esses príncipes têm palácios onde se passam coisas fascinantes?

Aquilo também não era novidade nenhuma para mim. O meu avô paterno contou-me uma vez que um sapo se transformou em príncipe ao ser beijado na boca por uma menina caprichosa. Se eu dissesse que já sabia disto, o duende ficaria ofendido porque eu sabia mais que ele. Por outro lado, se eu omitisse isso, ele ficaria convencido de que eu era um tolo.

Tive sorte. Não precisei de responder. Umpin acabava de retirar o frasco da água, completamente cheio de girinos e disse:

— Agora vamos agitar o frasco com uma varinha mágica. A vara que encontrei no alto do caminho parecia-me boa, mas ainda não sabia se era mágica. Só viria a sabê-lo quando a experimentasse.

Era realmente uma varinha mágica. Quando Umpin a introduziu no frasco, em vez de girinos, surgiu diante de nós um sapo.

— Excelente! — exclamou o duende com a varinha ainda no ar.

Eu nunca achara os sapos especialmente belos, preferia antes os girinos.

O sapo abandonou o frasco e, saltando para uma pedra, ficou a olhar para nós. O seu coração batia com tanta intensidade que o sapo subia e descia, subia e descia. O frasco ao lado já não tinha um único girino.

— Ainda estamos a meio caminho — murmurou Umpin.

Não compreendi o que o duende pretendia dizer com aquilo.
Continuou:

— E agora, quem é que vai beijar o sapo?

Eu, que não tinha vontade nenhuma de beijar aquele ser repugnante, respondi sem hesitações:

— Não conte comigo!

— É preciso beijá-lo, senão nunca chegará a ser um príncipe.
Acho estranho que não possa ser você a fazê-lo.

Perguntei quase a chorar:

— Porquê?

— Porque você também já foi sapo — disse Umpin, com a varinha apontada na minha direção.

Comecei a chorar. Apenas consegui articular:

— Não é verdade. Eu nunca fui sapo.

O duende não me confortou. Disse apenas com um gesto desaprovador:

— Kristoffer Poffer, estávamos ou não de acordo que é um príncipe verdadeiro? Ou será que te ofereci panquecas por engano?

Fiquei de boca entreaberta. Impaciente, Umpin continuou:

— Falamos também ou não de onde vêm os príncipes?

Esta pergunta atingiu-me em cheio.

— E chegamos ou não à conclusão que também já foi um sapo?

Olhava para mim intensamente com os seus olhos de mirtilo. Se tivessem saltado naquele momento, não me teria afetado nada.

— Eu venho da barriga da minha mãe — disse. — Um dia, depois de o meu pai beijar a minha mãe, umas coisas minúsculas quaisquer começaram a nadar pela barriga dela acima.

A explicação, longa e difícil, quase parecia uma desculpa. Talvez por isso, Umpin sentou-se num cepo e começou a coçar a

cabeça como um velho.

Ali, ao lado, o sapo insuflava.

— Vamos por partes — disse o duende. — Não seriam girinos que nadavam na barriga da tua mãe? Ele também a beijou. Qual é a diferença entre beijar a tua mãe e beijar um sapo? Os teus pais nunca te chamaram girino? Como teria entrado na barriga da tua mãe se não soubesse nadar como um sapo?

Eu não tinha argumentos possíveis. Naquele momento, odiei tanto aquele sapo viscoso quanto o duende insistente.

Umpin voltou a apontar a varinha para mim:

— Odeia o sapo, se quiser! Só te peço que lhe dê um beijinho na boca. Se não, jamais chegaremos ao palácio do príncipe e, sem palácio, não há história.

Não tinha outra opção possível. Se eu desobedecesse, ele podia transformar-me em sapo com a varinha mágica. Se um sapo se pode transformar em príncipe, o contrário também é possível.

Então abaixei-me e, ao beijá-lo, o sapo besuntou-me os lábios de baba.

CAROLUS

— Saúdo-vos, meus senhores.

Beijei o sapo e, diante de nós, surgiu um príncipe autêntico. Usava uma capa até os pés, na cabeça, trazia uma coroa de ouro cravada de rubis e, à cintura, envergava uma espada verdadeira.

Ali, entre o príncipe e Umpin, senti-me deslocado. Eu era apenas um príncipe do bosque.

Então Umpin inquiriu:

— Como se chama, príncipe?

— Chamo-me Carolus Rex há muito tempo — respondeu com cortesia.

Nem um nem outro compreendeu o que o príncipe queria dizer com aquilo.

— Há muito, muito tempo, antes de ser transformado em mil girinos, fui príncipe herdeiro do palácio que vemos ali em frente. Nesse tempo, um duende vivia num tronco, na descida junto ao palácio. Um dia, irado por eu não lhe ter oferecido o meu coração, enfeitiçou-me. Estou-vos muito reconhecido por me terem posto novamente como era.

Umpin parecia intimidado e, desta vez, não se prontificou a oferecer panquecas com doce de morango. Limitou-se a dizer:

— Muito interessante. Tenho certeza de que não foi nenhum dos meus familiares. A minha família é toda muito cordial.

E o príncipe replicou:

— Mas que tolice! O coração dos duendes não bate como o coração dos sapos e dos seres humanos. Vive apenas na imaginação das pessoas. Andam constantemente à caça de um coração humano. Essa caça desenrola-se na neve, durante a Lua cheia...

Se assim fosse, as panquecas com doce de morango podiam ter sido um truque para roubar o meu coração. Mas Umpin disse resolutamente:

— Falemos antes do palácio. Se é um príncipe de verdade, certamente vive num palácio de torres altas, alvo e majestoso, e tem muitos criados às tuas ordens.

De modo altivo, Carolus levantou a cabeça para o palácio situado na colina, por trás da lagoa das salamandras.

— Mas que estranho! — exclamou o duende de dedos grossos, coçando a cabeça. — Ando por estas bandas, há mais de onze anos, mas é a primeira vez que vejo este palácio.

Eu também tinha estado ali muitas vezes antes com o meu pai, mas nunca vira uma única torre.

Carolus endireitou a coroa de rubis vermelhos.

— E vocês pensam que podem despertar um príncipe enfeitiçado, sem que as coisas se modifiquem?

Levando dois dedos à boca, assobiou tão alto que o som se repercutiu por toda a floresta. Instantaneamente, no caminho daquela densa floresta, surgiu uma carruagem puxada por oito sapos gigantes. Já tinha ouvido falar antes dos sapos enormes que vivem na América do Sul, mas agora, pela primeira vez, via-os ao vivo. Eram menores que cavalos, mais ou menos do tamanho de um cão pastor alemão.

Abrindo a porta da carruagem, Carolus dirigiu-nos um convite:

— Entrai, meus senhores. Creio que sois bem-vindos ao meu palácio.

Andávamos aos saltos dentro desta carruagem estranha que os sapos puxavam pelo caminho acima.

Foram tantos os solavancos e a carruagem tremeu tanto que cheguei a recear que o meu coração se tivesse deslocado do peito.

Lembrei-me então que o meu avô morreu de repente com uma dor no coração, uns dias após a partida da minha mãe para a França.

AS SALAMANDRAS

Estávamos a transpor o portão do palácio, quando Carolus Rex recomendou:

— Portem-se bem e prestem agora muita atenção às salamandras.

— Às salamandras? — perguntou Umpin.

— Sim. As salamandras são os guardas deste palácio e não gostam de duendes nem de príncipes Poffer. Mas acho que vai ser

diferente desta vez, quando eu contar que voltei a ser como era, graças a vocês.

A medida que nos aproximávamos do palácio, aglomeravam-se cada vez mais salamandras junto à entrada principal. Eram muito maiores que as salamandras da lagoa e mais ou menos da altura de Carolus que era quase adulto. Apesar de serem idênticas aos animais que subiam pelo braço do meu pai, estas envergavam espadas. A couraça natural dispensava o uso de armadura.

Quatro salamandras aproximaram-se da carruagem e deram as boas-vindas a Carolus Rex, cruzando as espadas sobre a cabeça do príncipe. Uma delas aventurou:

— Como tendes passado Vossa Alteza na lagoa?

— Estava muito fresquinho. Para quem quer que seja, é muito difícil controlar-se quando somos muitos ao mesmo tempo.

Apontou para Umpin e para mim, dizendo:

— Estes indivíduos, que inicialmente tinham decidido apanhar salamandras depois de comerem panquecas com morangos, salvaram-me. Se agora sou como era, devo-lhes essa proeza.

Os soldados puseram-se em sentido. Mas nós tentamos passar despercebidos.

A mesma Salamandra voltou a falar:

— Carolus Rex! Esqueceste-vos porventura das instruções expressas da rainha para não trazer duendes e príncipes Poffer para o palácio?

Uma multidão de salamandras descia agora, aos atropelos, a escadaria do palácio. Gritavam:

— Roubaram o coração do rei!

Carolus Rex desatou a correr escadas acima e nós, que não sonhávamos ficar sequer um segundo na companhia das salamandras, fomos atrás dele.

Num quarto espaçoso, sobre uma cama coberta de seda vermelha, jazia o rei. Não respirava, nem pestanejava. Carolus pousou a espada sobre a mesa e, em pranto, dirigiu-se para o pai de braços abertos. Disse em voz alta:

— Meu querido pai, não posso acreditar que vós morrestes!

As salamandras deixaram o príncipe no quarto, só com o seu pesar. A uns passos atrás, Umpin e eu derramamos ainda algumas lágrimas.

Daí a pouco, entrou apressadamente uma senhora, vinda do quarto do lado. Devia ser a rainha. De peito descoberto, parecia-se exatamente com a minha tia Ingrid que, em Telemark, é conhecida por rainha.

Nunca cheguei a compreender como alguém chega a rainha, só porque renuncia a uma peça de roupa, num dia quente de Verão. Uma senhora pode pôr uma peça de roupa, sempre que recebe visitas. Apesar dos seios estarem à vista, a saia ia até aos pés.

Carolus Rex abraçou-se à mãe e sussurrou:

— Mãe, o pai morreu!

Apercebendo-se da nossa presença, os olhos da rainha arregalaram-se de tal forma que quase lhe saltaram da cara:

— Carolus! Não foi este o duende que roubou o coração do rei?

Antes que Carolus respondesse, a rainha soltou um grito tão intenso que os seios estremeceram.

— Salamandras!

Instantaneamente, as salamandras apareceram à porta. A rainha apontou para Umpin, enquanto perguntava:

— Fostes vós quem permitiu a entrada deste duende, sobretudo nesta ocasião em que tanto sofro com a perda do coração do meu querido marido?

Uma das salamandras respondeu:

— Lamentamos imenso, mas não era nossa intenção...

— Levai-o imediatamente para a masmorra! — ordenou a rainha.

Umpin e eu assustamo-nos. Eu sabia que a masmorra do palácio era fria, profunda e úmida. Tinha também ouvido dizer que nela viviam leões vorazes.

Enquanto as salamandras o prendiam, Umpin implorou com aqueles olhos tristonhos de mirtilo:

— Salve-me!

Carolus Rex podia ter-se interposto à mãe, poupando Umpin da masmorra.

Caminhando na minha direção, a rainha perguntou severamente:

— E o que é isto?

— É o meu bom amigo da floresta. Chama-se Kristoffer Poffer.

— Verdade? Quantas vezes já te disse que não brincasse com príncipes Poffer?

— Peço-vos que me ouçais, mãe! Este príncipe salvou-me a vida mil vezes.

Enquanto olhava fixamente para o filho, a rainha começou a tremer como se sentisse muito frio nos ombros. Ocorreu-me que deviam ser arrepios de maldade. E uns momentos depois disse:

— Meu querido filho! Não sei o que está se passando comigo. Bem, esse príncipe janta hoje conosco, aqui no palácio.

— Fico-vos muito reconhecido, Majestade — apressei-me a agradecer, antes que ela mudasse de idéia.

— Salamandras! — chamou a rainha.

O SALÃO DE BAILE

As portas voltaram a abrir-se imediatamente e as salamandras entraram.

— Conduzi este príncipe Poffer ao salão de baile — ordenou a rainha-mãe — e servi panquecas em quantidade com doce de morango. Como entrada, desejo bolachas com as letras do alfabeto.

Primeiro receei que estivesse a caminho da masmorra, mas levaram-me para o salão de baile onde a mesa estava a ser posta para quatro pessoas.

A família real chegou em seguida. A rainha, de seios à mostra, atravessou o salão e foi sentar-se no lado oposto da mesa. Carolus ficou ao meu lado. Por fim, entrou uma menina saltitando. Era Camilla. Mas achei estranho que ela tivesse vindo de Telemark, que fica tão longe do castelo.

A rainha bateu palmas:

— A princesa Aurora está chegando. Levantai-vos. De pé, aguardamos todos que Camilla se sentasse ao lado da rainha. Estava descalça. Ela devia ter acabado de chegar, pois ainda não tinha mudado a roupa de dormir que, aliás, era bonita e assentava bem durante o dia. Camilla costumava andar assim quando fazia calor.

— Camilla! — chamei baixinho. A menina baixou os olhos.

— Meu jovem príncipe Poffer. Não ouviste por acaso o que acabei de dizer? Aurora é o nome da princesa. É um nome que nada tem a ver com os nomes que dão às meninas em Telemark.

Eu devia estar mesmo enganado. Esta princesa não podia ser Camilla. A Camilla e eu sempre fomos ótimos amigos e ela jamais me deixaria ficar mal colocado perante a corte.

Mesmo assim, insisti:

— Diga-me: porque usa a camisola de dormir da minha prima?

Imediatamente compreendi que tinha dito algo que não devia. A rainha levantou-se de repente e disse severamente:

— Lamento imensamente não ter compreendido de imediato o impostor que este Kristoffer Poffer é. Lamento tanto quanto a altura da masmorra. Pela primeira vez na vida alguém ousa chamar a princesa de ladra! E também é a primeira vez que alguém chama este belo vestido de camisola de dormir..

— Deveis ter razão, — interveio Carolus — mas foi este mesmo príncipe que reuniu algumas das peças vitais do enorme enigma. É certo que ele já esgotou a sua sorte, mas julgo que devemos esperar um pouco mais, antes de o mandarmos para a masmorra.

Eu estava aturdido, mas sentia que tinha de ser mais cauteloso com as minhas palavras.

— Salamandras! — chamou a rainha. — Sirvam imediatamente as bolachas com letras!

Uma das salamandras abriu a porta larga que se encontrava na extremidade da sala e deu passagem a quatro carrinhos de papelão com motor. Os carros traziam bolachas e, no meio da sala, cada um deles tomou um rumo diferente, indo parar junto de cada cadeira. As salamandras colocaram sobre a mesa os carros que prontamente levantaram do chão.

Cada um dos que estavam sentados à mesa espalhou o conteúdo dos carros sobre a toalha branca. Para não fazer nenhuma bobagem, segui o exemplo dos outros.

Mas foi pior do que eu tinha imaginado. A rainha ordenou que ninguém comesse as bolachas, antes de primeiro construir palavras. No entanto, eu não sabia ler nem escrever.

As outras pessoas encontraram palavras engraçadas para todas as letras, levando-as à boca à medida que liam: GELÉIA DA RAINHA, VARANDA DO PALÁCIO, MARECHAL, MENSAGEM DE GARRAFA, HIPNOTISMO, GROSELHA, HOMEM-RÃ... Eu fui o único que não fez nadinha com as bolachas que tinha nas mãos.

Pela sala ecoou o estalido dos seios da rainha quando se levantou de repente. Ela olhou-me do alto e, como se eu tivesse feito caretas, perguntou:

— O príncipe não gosta, por acaso, das bolachas da rainha?

Respondi envergonhado:

— Infelizmente, eu não sei ler nem escrever.

A rainha dirigiu-se aos presentes:

— Ouviu, Aurora? Este príncipe não lê nem escreve!

— Mas a princesa é um ano mais velha do que eu e vai entrar na escola no Outono — disse eu.

— Mas que tolice! Ninguém aqui frequenta a escola. Se não encontrar palavras, poderá vir a deixar de falar. Príncipes Poffer que não falam vão diretinho para a masmorra. Isso está escrito num livro muito antigo. Compreende?

Respondi o mais claro que pude:

— Sim!

Até certo ponto, fiquei contente por a rainha ter explicado em que situação eu me encontrava. Agora já sabia que, se não descobrisse palavras para as letras que ali estavam sobre a toalha branca, iria diretinho para a masmorra.

Assim, ordenei as letras em filas e li em voz alta: QUERO AGRADecer À RAINHA E À PRINCESA, SUA FILHA, ESTA MINHA VISITA AO PALÁCIO. Forma mais cortês não consegui encontrar.

A rainha dirigiu-se a Carolus Rex:

— Pode ver se é mesmo isso que está escrito?

O príncipe, que eu desenfeiteigara nessa precisa manhã, leu:

— GMERSK SVIBYLL WARUX SIB MALGHEP QUIBUX
RATAMURLOW BRUXAPA CORAÇÃO DO REI.

A perspectiva de ir para a masmorra, já não me metia muito medo. Mas fiquei envergonhado com as palavras feias que escrevera.

— Ele aproveitou-se das minhas preciosas letras para escrever coisas sem sentido! — exclamou a rainha esbravejando.

Uma Salamandra meteu-se na conversa:

— Majestade! Creio ser meu dever esclarecer que este príncipe Poffer não escreveu apenas palavras sem sentido; ele utilizou também a língua dos duendes.

— Então ele é um espião! — exclamou a rainha.

Eu concordava plenamente. Eu sentia que era espião.

— E o que é que isso *significa*? Não há ninguém por aqui que fale a língua dos duendes? — gritou ainda a rainha.

Então a Salamandra ousou dizer:

— Vossa Alteza, se me permite, eu traduzo. O que se lê aqui é o seguinte: QUERO AGRADECER À RAINHA E À SUA FILHA, A PRINCESA, ESTA MINHA VISITA AO PALÁCIO.

Mas que sentido fazia voltar a traduzir aquilo que eu já fizera.

Para chamar a atenção dos presentes, a rainha levantou-se e tocou no copo com um garfo:

— Pode ser na língua dos duendes, mas este príncipe lê e escreve. Por isso, vai conservar a fala. Ser espião é grave, mas isso pode esperar até amanhã. Passemos ao prato principal!

— Hurra! — gritou Sua Alteza, a Princesa Aurora.

Eu nunca cheguei a compreender se ela ficara contente por eu não ir para os leões ou por estarem a pôr os morangos na mesa. Camilla dizia *hurra* sempre que recebia guloseimas da tia Ingrid. Deve ter sido isso o que aconteceu com a filha da rainha já que as garotas são todas iguais.

O CORAÇÃO DO REI

Uma bandeja abarrotada de folhados fumegantes chegou à sala numa mesa de rodízios. Ao lado dos folhados, estava uma taça de doce.

— Mãe! — exclamou a princesa. — Não me disseste que íamos comer panquecas?

— Houve uma mudança de última hora — respondeu a rainha. — Não é adequado servir panquecas com doce de morango, numa ocasião em que o coração do rei foi roubado!

— Mas eu quero panquecas — choramingou Aurora.

— Cale-se, Camilla! — ralhou a rainha.

A rainha decaíra-se. Afinal esta princesa era mesmo a minha prima. A rainha enfeitiçara-a e, na transformação, surgiu uma princesa.

— Não te disse já inúmeras vezes que ambos se fazem com a mesma massa? É assim também com os girinos. O aspecto é diferente, mas a substância é a mesma.

Então olhei para o doce que estava sobre a mesa. A primeira vista, aquilo parecia ser doce de groselha. Mas, já que a rainha tinha falado em girinos, aquele doce devia ser de ovas.

Usando a mesma manha das bolachas de letras, tentei enganá-los. Tirei dois corações de folhados e sobrepu-los um ao outro, sem me servir das ovas de rã.

— Kristoffer Poffer! — repreendeu a rainha. — Não vai comer o doce de groselha deste palácio?

Respondi:

— É que sou alérgico.

— Não me venha com tretas! Isso é o que se diz quando não se quer comer.

Eu não tive outra saída senão cobrir com ovas os dois corações. Só esperava que tivesse me enganado.

Mas eram mesmo ovas. Ao levá-las à boca, senti que este doce tinha sido confeccionado com qualquer coisa da lagoa das salamandras e não com groselhas. Era a primeira vez que comia aquilo e já antevia o seu sabor.

Saltando da cadeira, a princesa mostrou as bolachas de letras ainda dispostas em fileiras:

— Mãe, — Aurora dirigiu-se à rainha-mãe — isto não é como a Salamandra disse há pouco.

As salamandras, alinhadas junto à parede, trocaram olhares entre si.

Então a rainha disse:

— Mas, minha cara Aurora, tu não sabes ler a língua dos duendes.

Inquietas, as salamandras já andavam de um lado para o outro.

— Mas claro que sei. Quando pequena, brinquei muitas vezes no bosque com príncipes Poffer e aprendi a linguagem deles. Tu sabes muito bem como as crianças aprendem línguas facilmente.

— Então, o que é que está aí escrito? — perguntou a rainha.

— Aqui está escrito: "MENSAGEM SECRETA PARA QUEM VIVE NO PALÁCIO. AS SALAMANDRAS ROUBARAM O CORAÇÃO DO REI".

Neste momento as salamandras abandonaram o salão, mas regressaram pouco depois com reforços. A rainha levantou-se da mesa.

— Salamandras! — gritou. — Ordeno que apanheis as salamandras e as conduzeis à masmorra.

Então as salamandras emaranharam-se umas nas outras e, assim, ficaram num montão a um canto.

De repente um sapo bem gordo saltou das mãos de uma Salamandra e desatou a saltitar pelo salão.

Ao ver aquilo, a rainha berrou:

— É O CORAÇÃO DO REI! CAROLUS, SALVA O CORAÇÃO DO REI!

Mas não houve tempo. As salamandras soltaram-se e já se atiravam ao príncipe, à princesa e à rainha e, prendendo-os com uma corda grossa, arrastaram-nos pelo salão.

Então apanhei o coração do rei e apertei-o contra o meu e, pé ante pé, saí do salão. Estava já no longo corredor quando ouvi um ruído vindo do andar de cima que me deixou alerta. O coração úmido do sapo batia cada vez com mais intensidade.

O rei ainda estava deitado naquela cama coberta de seda vermelha. Então pousei o coração debaixo da capa vermelha e ele pestanejou.

— Bem-vindo, Majestade — disse eu enquanto fazia uma vênia.

O rei respirou fundo antes de olhar para mim:

— Meu bom príncipe Poffer. Devolveste-me a vida.

Depois de contar tudo o que se passara no palácio, o rei continuou:

— Kristoffer Poffer. Que sorte a nossa teres vindo a este palácio! As tuas letras secretas revelaram-nos como estas salamandras são umas ladras sem escrúpulos. A intenção delas era pilhar metade do meu reino. Pois quem se apodera do coração do rei, apodera-se também de metade do seu reino. Eu sabia que as salamandras se alimentavam de ovas de rã, apesar disso ser tão mau como comer girinos. E, quem come girinos, come sapos. Estás

a ver aonde eu quero chegar, Kristoffer Poffer? É certo e sabido que comer sapos é o mesmo que comer príncipes encantados que são na realidade a carne e o sangue do rei.

A palavra “sangue” no fim da frase, deu ao discurso um ar de especial gravidade.

E concluiu, dizendo:

— Vem comigo, meu valente príncipe Poffer! Como sinal da minha gratidão, vamos até à masmorra e, juntos, libertaremos Umpin, o duende, que fez tantas panquecas e tanto doce com morangos apanhados no seu jardim.

A GAIOLA DA DONZELA

Os corredores do palácio que iam dar à masmorra eram tão grandes que nunca mais acabavam. O rei estava exausto e já não conseguia correr mais. Eu também tinha as pernas cansadas.

— Um homem de idade e um rapaz jovem são como dois irmãos — disse o rei enquanto avançava.

Eu olhei para ele, sem entender. O rei continuou:

— Com o tempo, um rapaz torna-se cada vez mais forte, enquanto um homem vai-se tornando mais debilitado. Mas, neste momento, somos os dois resistentes. É por isso que podemos ir juntos.

Ouviu-se um relógio bater as horas: Ding dong... Ding dong...

Contei até dez badaladas.

— É o relógio do palácio — disse o rei com respeito — Cada hora a mais, é sinal de que o tempo passa.

E continuou, pousando a mão sobre a minha cabeça:

— Na realidade, o que passa não é o tempo, meu filho.

— Não é?

— Pois não. Nós é que passamos. Sem os seres humanos, os ponteiros não existiam.

— Então, qual é o papel do tempo? — perguntei.

— O tempo sara tudo. E também abre novas feridas.

— Nesse caso, o tempo é bom e ao mesmo tempo é mau.

— É verdade. É ambas as coisas.

A tatear, fomos descendo a escada escura. Quando chegamos ao porão, os nossos olhos já estavam habituados à escuridão. Ali havia muitos relógios espalhados pelo chão. Uns estavam cobertos de poeira e outros com teias de aranha. Mas em todo o lado sentia-se um cheiro a coisas velhas e podres.

— O tempo parou aqui — comentou o rei.

Mal ele acabou de dizer isto um dos relógios começou a trabalhar.

— Quero dizer, está quase parado — corrigiu o rei. — Ninguém se pode esconder do tempo. Quem joga às escondidas com ele, brinca consigo próprio.

Refleti naquelas palavras ajuizadas. Lembro-me de uma vez ter ouvido que o tempo não pára, mas nunca chega à porta de ninguém. Agora, pela primeira vez, compreendi o verdadeiro sentido daquilo. O tempo não avança, nem recua, não sobe, nem desce. O tempo segue outro sentido.

— Pára! — gritou o rei. Aproximei-me dele. Então o rei mostrou-me um grande buraco no chão, sem qualquer proteção. Era a masmorra.

Ouviam-se os gemidos de Umpin. Deitei-me no chão e espreitei para baixo pelo buraco escuro. O bafo frio que subiu, bateu-me na face.

Ao fundo enxerguei o meu bom amigo. Não havia leões ali. Havia apenas ratazanas que se movimentavam de um lado para o outro.

O bom rei atirou para o fundo uma corda grossa que encontrara ali. O duende abandonou a masmorra trepando pela corda esticada. Enquanto subia, sacudia as ratazanas que vinham agarradas ao seu corpo.

— Sois realmente Vossa Alteza o Rei? — perguntou o duende amedrontado.

O rei pigarreou:

— Não são visões, não, meu caro Umpin. Este corajoso príncipe devolveu-me o coração que as salamandras me roubaram.

— As salamandras? — exclamou o duende incrédulo. — Foram as salamandras que roubaram o vosso coração?

O rei fez-lhe sinal que sim com a cabeça.

— Se foi assim, elas também roubaram a princesa Aurora, a filha do teu coração. Segundo li num livro muito antigo, ela deve estar na gaiola da torre alta, de pés e mãos atados.

Partimos logo para a torre. Pé ante pé, passamos os relógios antigos e subimos os lanços de escadas à pressa até chegarmos a uma porta de ferro cheia de ferrugem.

No outro lado do corredor, em fila, aguardavam-nos oito salamandras corpulentas.

— Saúdo-vos, prezadas salamandras — disse o rei. — Deixem-nos passar.

A Salamandra maior respondeu:

— Desculpai, mas aqui ninguém avança um único passo que seja. Agora o controlo do palácio está nas nossas mãos.

Pesaroso, o rei não sabia o que responder e acabou por dizer:

— Como podem ser tão desobedientes? Levantei-vos da miséria em que viviam na lagoa. Aqui, no palácio, não há umidade e agora vivem bem. Ordeno-vos que nos deixem passar! Caso contrário não podemos libertar a princesa Aurora.

A mesma Salamandra desaprovou:

— A partir de agora, obedeceremos unicamente à rainha. E, apesar disso, escondemo-la numa nascente para que não nos incomode.

Eu fugi por baixo das pernas das salamandras que nos empurravam para o porão. Três delas vinham atrás de mim. Uma seta que atiraram, passou mesmo rente à minha cabeça e, a vibrar, foi fixar-se na parede. Era preciso salvar a princesa. Da mesma forma que Umpin subira da podridão da masmorra, eu também tinha de sair dali.

Desconhecia o caminho para a torre, mas subi as primeiras escadas que vi, umas escadas em caracol que me conduziram a uma torre muito estreita. No meio daquele compartimento havia uma gaiola muito pequena, tão pequena que se eu me tivesse atrasado um pouco, a princesa, que estava a crescer, teria morrido por falta de espaço.

Se não estava a dormir, a princesa estava pelo menos imóvel. Ali, na penumbra, o seu cabelo, dourado como o sol, cobria-lhe a face.

Sussurrei:

— Aurora, acabo de vir de lá de baixo para te salvar. Ela ainda conseguiu pôr-se de cócoras. Mas a gaiola não era maior que uma gaiola de pássaros.

— Eu sabia que me encontrarias — disse, ainda assustada.

Camilla tinha dito algo semelhante uma vez em que jogamos às escondidas, em Telemark. Depois de a procurar por todo o lado, fui encontrá-la na despensa ao fim da manhã.

A gaiola estava fechada a cadeado.

— Experimenta a tua chave que talvez caiba — disse a princesa.

Estendendo o braço através das grades, Aurora tocou numa coisa que estava pendurada num fio, à volta do meu pescoço.

Então levei a mão ao pescoço e senti a chave. Tirei o fio pela cabeça e, para minha surpresa, aquela chave encaixava no cadeado.

Ao abandonar a gaiola, a princesa ria-se de satisfação. Porém, mal se levantou, deixou de rir ao ouvir o som arrastado de passadas que vinha da escada. Então disse baixinho:

— As salamandras!

Apressei-me a esconder a princesa atrás da porta e abri a janela da torre. Entraram duas salamandras pesadonas, mas felizmente não muito grandes. Para não ser apanhado, desviei-me, fazendo com que uma delas voasse pela janela fora e fosse cair no largo do palácio, uns bons metros mais abaixo. Quando atingiu o chão ouviu-se um enorme estrondo.

Contorci-me agora como um réptil para não ser apanhado e a segunda Salamandra acabou por entrar na gaiola da donzela. Atirei-me imediatamente ao chão e fechei-a lá dentro à chave.

A Salamandra gritava e berrava e, andando de gatas, eu disse:

— Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti. Querias prender-me na gaiola, portanto é razoável que te faça o mesmo.

— Liberta-me, seu grande patife Poffer. Após uma curta reflexão, eu disse:

— A escolha é tua. Queres ficar aqui ou queres desaparecer pela janela como a tua companheira?

O som que emitiiu significava que queria ficar ali. Atirei a chave ao chão. Pelo menos assim ela podia *ver* a chave da liberdade.

Aurora saiu do esconderijo.

A FOGUEIRA DE SÃO JOÃO

Descemos as escadas da torre com cautela. Por sorte, não vimos mais nenhuma Salamandra pois, ali, naquela passagem estreita, não havia uma única janela para poder atirá-las lá para fora, nem uma gaiola para as enjaular.

— Onde fica a fonte secreta? — perguntei. Lembrei-me da fonte de Camilla, atrás da casa grande de Telemark. Nós sabíamos que não nos era permitido, mas, às vezes, retirávamos a tampa e atirávamos pedras lá para dentro. Uma vez, o meu avô estava de visita quando a tia Ingrid nos apanhou em flagrante. Nesse dia fomos direitinho para a cama sem jantar. Mas o que mais custou foi que o meu avô achou o castigo justo. Chorei até adormecer.

A princesa olhou para mim admirada, como se eu já tivesse falado antes com ela sobre fontes secretas. Conte-i-lhe também que as salamandras tinham escondido a rainha numa fonte, para que ela não as aborrecesse.

No largo do palácio, a princesa revelou:

— No jardim do rei há muitas fontes secretas. Vai ser difícil encontrar a fonte certa.

Era a primeira vez que eu via um jardim tão grande como este. Havia cadeiras de lona por todo o lado. Os sapos, que comiam a relva verdejante entre as árvores e as cadeiras, eram incrivelmente grandes. Mas quando a princesa disse que eles eram inofensivos, o meu medo desapareceu.

— No entanto, estes sapos têm um defeito. Adoram tanto crianças que saltam para cima delas para lhes lamber a cara.

Nesse momento, aproximaram-se dois sapos rechonchudos. Dando um salto sobre nós, lamberam-nos a cara como se fôssemos

parte da sua alimentação.

— Já deitados! — ordenou Aurora. Instantaneamente obedeceram e foram deitar-se debaixo das árvores.

A primeira fonte tinha apenas girinos. Uma outra estava escondida atrás de uns arbustos cerrados. Ainda não havia indícios da rainha, mas os imensos peixes que ali nadavam molharam-nos os pés. Para chegarmos à terceira fonte, atravessamos um campo cultivado, onde havia espigas tão altas que nos faziam comichão no nariz. Cheguei a pensar que íamos morrer por asfixia.

De repente, ouvimos gemidos que vinham de uma grande fonte. Baixamo-nos para olhar para dentro dela. A fonte estava seca. Então avistamos a rainha e o príncipe, de pés e mãos atados e de boca amordaçada para não gritarem, sentados sobre uns pedregulhos.

A rainha emitiu uns sons quando nos viu:

— Grmf... gmobf...

Eu ainda não sabia como trazê-los para cima. Virei-me para Aurora:

— Tu és muito parecida com Camilla. A corda de saltar que ela tem até parece um laço.

Isto foi o suficiente. Aurora disparou numa correria desenfreada pela erva alta. Mas eu deitei-me no chão para espreitar os prisioneiros lá no fundo.

— Grmf... gmobf... — repetiu a rainha.

Pelo buraco abaixo, atirámos a corda que Aurora trouxe quando voltou. Mas, com os pés e as mãos atados, tanto a rainha como o príncipe estavam incapacitados de fazer o que quer que fosse.

Então, meti mãos à obra:

— Para salvá-los, tenho de descer.

Aurora segurou a corda com as duas mãos e eu desci. Lá do fundo olhei para cima: o Céu parecia uma bolinha. Aurora estava estendida no chão, de face para baixo; o seu cabelo caía como um anjo pairando no Céu.

Depois de eu lhe desatar as mãos, o príncipe retirou o lenço da boca e disse:

— Mas que coragem a tua! Como é que vamos subir agora?

E livrou-se ainda da corda que lhe prendia as pernas antes de ir libertar a rainha-mãe do cativeiro.

— Vês a princesa lá em cima? — perguntei. Carolus respondeu que sim e perguntou:

— Como é que uma princesinha vai içar uma rainha corpulenta?

— Primeiro subo eu. Depois sobes tu e, nós os três juntos, puxamos a rainha para cima.

O príncipe franziu o nariz, mas era preciso tentar.

— Segura bem a corda com as duas mãos e puxa-me! — gritei para Aurora.

Dei uma volta à corda na mão. Até meio caminho tudo correu bem. Mas Aurora não resistiu e deixou-me cair. Foi por um triz que ela não veio atrás de mim...

Antes de saber se eu me magoara, a rainha disse irritada:

— Cuidado! Esta não é a altura certa para brincadeiras com a corda.

Nesse instante, lembrei-me de como o meu avô puxava o barco para fora da água e gritei para a princesa:

— Ata a corda à volta de uma árvore.

Aurora puxou-me pelo buraco acima. Depois subiu o príncipe. Agora só faltava a rainha, que ainda estava lá em baixo.

— Tirem-me daqui imediatamente! — ordenou a rainha.

A rainha pesada chegou à superfície, içada pela corda que fora projetada lá para baixo.

— Libertemos agora o rei e Umpin, o duende, da maldição das salamandras! — Ordenou Carolus de espada desembainhada — avancemos para o largo do palácio!

Enquanto corríamos através dos campos de erva alta e do jardim real, ouviam-se sapos de tamanho descomunal a coaxar.

No largo do palácio ardia uma fogueira.

Umpin e o rei desciam a escadaria do palácio, sob a escolta das salamandras.

— Vão-nos atirar à fogueira! — gritou Umpin. As salamandras lançaram-se ao príncipe, antes que este fizesse uso da espada. Então a rainha-mãe falou:

— Salamandras! Isto é ir demasiado longe. Não vos disse já há muito tempo que fossem para a masmorra?

Os preparativos para a festa das salamandras cessaram. O rei e o duende estavam em liberdade e as salamandras apagaram a fogueira com água. Agora pareciam acanhadas. A rainha continuou:

— Ponham-se a andar! Não aceito protestos. Acabou-se a brincadeira.

As salamandras puseram-se logo em fila. Era um primor ver tanta obediência.

E, alinhadas, elas subiram as escadas. Despertou-me tanta curiosidade saber se iam cumprir as instruções da rainha que as segui à distância. Devagarinho, chegamos à escuridão profunda do palácio. E, uma a uma, vi-as enfiarem-se pelo buraco horrendo da masmorra. Cada vez que uma Salamandra atingia o chão, ouvíamos um estrondo. Só espreitei pelo buraco quando a última saltou. Tinham sido tão más, que eram indesejadas no palácio.

Eu precisava de fazer xixi. Como já não agüentava mais, aproveitei para fazer no buraco.

De repente, o silêncio foi quebrado por um ruído. Pensei que fosse o meu coração. Mas depois reconheci o trabalhar de um relógio antigo.

Dirigi-me para as escadas. Logo no primeiro degrau, escondido sob uma camada espessa de pó e de teias de aranha, algo saltou de um grande relógio:

— Cucooo!

Era apenas um relógio de cuco. Mas eu subi precipitadamente as escadas e atravessei a porta de ferro a correr.

A água que as salamandras vazaram sobre a fogueira, quase transformou o largo do palácio numa piscina. Atravessei a água quente e molhei os pés.

O TRIBUNAL

A família real estava reunida no jardim do palácio à volta de uma enorme mesa redonda, colocada cá fora especialmente para a ocasião. Os preparativos para a churrascada naquela tarde de Verão estavam em pleno curso.

O meu avô era perito em churrascos. Morreu com um ataque cardíaco enquanto a minha mãe passava férias num castelo em França e durante a ausência dela, fiquei a viver na casa de Verão dos meus avós. Um dia ia eu dar as boas noites ao meu avô que estava sentado num sofá e ele não reagiu. Abracei-o e apertei-o contra mim. Pensei primeiro que ele estava a descansar, mas acabei por chamar a minha avó porque ele não me respondia. Só à noite me ocorreu que ele morrera.

Felizmente este episódio desvaneceu-se do meu pensamento no instante em que Suas Altezas reais me convidaram para um agradável convívio a uma hora em que as crianças da minha idade já estão na cama há muito tempo.

A mesa estavam o rei, a rainha, o príncipe, a princesa, Umpin, o duende, e ainda um senhor que envergava um uniforme de cerimônia.

O rei fez a apresentação:

— Kristoffer Poffer! Este é o marechal da corte.

O senhor empertigado, de uniforme azul, levantou-se e, batendo os calcanhares, fez continência. Respondi o mais delicadamente possível:

— Muito prazer.

Era a primeira vez que eu cumprimentava um marechal, mas sabia muito bem que não era correto dizer simplesmente «Olá» ou «Bom dia» à personalidade mais ilustre do reino logo a seguir à família real.

— O prazer é todo meu — respondeu o senhor. O marechal voltou a sentar-se e o rei tocou no copo com uma lapiseira antes de dizer:

— Agora estamos livres das salamandras. Vamos então comer umas suculentas perninhas fritas de rã, que eu incluí no menu.

E apontou para uma grande churrasqueira que se encontrava mais adiante.

Eu não estava a compreender nada. O rei afirmara antes que comer rã era comer a sua própria carne. Porém absteve-me de fazer comentários, depois da outra refeição mal sucedida.

— Protesto! — O dedo indicador do marechal tremia ao apontar para mim. — Este príncipe Poffer acaba de pensar que não

quer comer o que vai ser servido aqui no palácio.

Desorientado, olhei em redor. Os presentes exprimiam tristeza e tinham ura ar grave.

Apesar do frio que fazia, a rainha não tinha os ombros cobertos com um xale. No entanto, também ela reprovou com a cabeça.

O marechal retomou a palavra:

— E agora ele lamenta que a rainha não se tenha arranjado adequadamente para a ocasião.

Quando eu decidi deixar de pensar, a rainha falou:

— Creio ser meu dever esclarecer as funções de um marechal da corte. Ele não só lê as cartas como também lê os pensamentos.

As maldades começam sempre nos pensamentos.

Eu estava derrotado. É preciso muito tempo para controlar os pensamentos, mas depois é mais fácil evitar dizer coisas feias.

— As coisas feias começam sempre aqui. — Enquanto o marechal dizia isto, debruçou-se sobre a mesa para me tocar na testa com o indicador.

Voltei-me para o rei. Muito sério, ele declarou:

— Meu bom príncipe Poffer. A rainha decidiu que as boas maneiras à mesa, só por si, não são suficientes. Um príncipe Poffer tem também de controlar os seus pensamentos mais profundos para que tudo corra bem aqui no palácio.

A rainha e o marechal, de semblante severo, concordaram. Umpin pôs-se de pé e tocou no copo.

— Meus senhores, — disse o duende — é uma vantagem que os pensamentos, as palavras e as ações sejam puros. Mas, à mesa, deve fazer-se uma coisa de cada vez. Este príncipe, aliás como todos os habitantes deste palácio, deve aprender a controlar os seus pensamentos. No entanto, ele não pode ser responsabilizado por tudo o que se passa aqui.

Antipática como era, a rainha tamborilava com os dedos sobre a mesa.

— Crês que Kristoffer Poffer tem o direito de considerar a rainha antipática? O que ela faz com os dedos, diz respeito a ela e a mais ninguém — disse o marechal.

Umpin continuou:

— Não é de estranhar que um pobre príncipe do bosque se sinta confuso com tudo isto. Tomar conta de um palácio inteiro, é demasiado para um rapazinho só.

A rainha debruçou-se sobre a mesa quando se dirigiu a Umpin e a mim:

— Mas que coisa! Agora já estou irritada. Este problema resolve-se se o príncipe Poffer for para a masmorra com Umpin. Vi logo que estes indivíduos não eram bem-vindos ao palácio.

Fez-se silêncio à mesa. Aurora parecia indiferente a tudo. Em vez de se zangar, saiu dali em silêncio e avançou para a churrasqueira de onde tirou uma perna de rã e pôs-se a mordiscá-la.

O rei tocou no copo com a lapiseira.

— Majestade! Solicito que a justiça prevaleça aqui no palácio. Umpin, o duende, e Kristoffer Poffer serão levados a tribunal antes de irem para a masmorra. O marechal conhece sobejamente os trâmites a seguir.

O marechal bateu os calcanhares e desapareceu pela escadaria do palácio. Ao voltar trouxe um banco muito alto.

Depois de se acomodar no banco que colocara na relva diante dos presentes, ficou a um nível mais alto que todos.

— Este é o Supremo Tribunal do palácio — começou o marechal. — Se há algo contra Umpin ou o seu amigo Kristoffer Poffer que digam agora.

Impaciente, como se o marechal fosse um nadador-salvador e o mundo uma praia, a rainha exclamou:

— Oxalá eu não precisasse de dizer isto, mas já devem ter notado todos vós que as coisas pioraram com a chegada de Kristoffer Poffer ao palácio.

Umpin fez uma tentativa:

— Mas, Majestade, não há provas nenhuma. Primeiro tem de haver provas de que os episódios desagradáveis começaram com a

chegada do príncipe Poffer ao palácio.

— Muito bem! — prosseguiu a rainha-mãe. — Começo por perguntar: Kristoffer Poffer, achas que sou uma pateta-alegre?

— Claro que não, Majestade! — respondi sem refletir.

Mas depois pensei melhor e concluí que, além de maldosa e mesquinha, ela era realmente uma pateta-alegre.

— Marechal! — ordenou a rainha severamente — Por favor lede agora os pensamentos deste príncipe!

O marechal fixou os olhos nos meus e depois nos da rainha.

— Ele acaba de pensar que, além de maldosa e mesquinha, a rainha também é uma pateta.

— Obrigada! — replicou a rainha. — Isto só vem provar que Kristoffer Poffer mente. Quem mente, rouba e quem rouba, acaba na masmorra.

Esta decisão parecia correta. Cabisbaixo, olhei para a relva. A princesa e o príncipe podiam, ao menos, ter dado uma palavrinha em meu favor porque eu já lhes tinha salvo a vida várias vezes.

A princesa continuou a mordiscar a perninha de rã como Camilla fez um dia com um bocado de frango. Foi numa ocasião em que a minha mãe até se zangou comigo por eu ter feito xixi nas calças de tanto rir com as piadas que ela disse. Achei-a uma covarde.

— Agora o príncipe Poffer considera a princesa uma covarde — relatou o marechal.

Umpin interferiu:

— Isso é muito provável e ele até pode ter razão. Mas Kristoffer Poffer não pode ser condenado por considerar a rainha uma pateta antes de verificarmos se essa acusação é verídica.

A rainha apontava o dedo para o meu bom amigo e berrava:

— Então prova! O duende falou:

— Esta rainha má já antes me acusou de ter roubado o coração do rei. E por isso fui para a masmorra. Agora já toda a gente sabe que a culpa foi das salamandras. E sabem quem deu essas instruções às salamandras? Foi a rainha. Nesta ordem de idéias, além de a rainha ter roubado o coração do rei, ela é igualmente uma grande pateta, maldosa e mesquinha.

Entretanto, o rei pôs-se de pé para falar:

— Este é um dia triste em todos os sentidos. Por um lado, a minha adorada rainha tornou-se de repente uma mulher pateta,

maldosa e mesquinha, e por outro, o meu bom príncipe dos bosques é tomado por espião, mentiroso e ladrão. Eu não consigo julgar quem tem razão.

— Deixemos a decisão ao cuidado do marechal da corte —
interveio a rainha.

Então gritei zangado:

— Mas isso é injusto! É injusto que o marechal decida quando ele está sempre do lado da rainha.

Porém, a minha opinião não valeu de nada. Nesse instante, de pé, o marechal decidiu:

— Condeno o príncipe Kristoffer Poffer e Umpin, o duende, à masmorra depois do jantar.

A MASMORRA

Nunca tive dúvidas de que a rainha me ia mandar para a masmorra do palácio. Mesmo assim desatei a chorar quando o marechal proferiu a sentença.

Mas isso não ajudou nada. Chorei intensamente e ninguém me veio consolar. Antes pelo contrário, desapareceram todos para se servirem de perninhas de rã grelhadas. Enquanto eu chorava, Aurora brincava, impávida e serena, à minha frente com uma bola de elástico. Mas, à medida que a minha fúria crescia, parei de chorar e explodi:

— Em vez de te portares como uma parva, vai buscar uma peça de roupa para a tua mãe.

Agora que eu sabia qual era o meu destino, já podia dizer o que me apetecia.

Com a minha família sempre triste após a morte do meu avô, eu habituei-me a pensamentos melancólicos.

Tudo começou com a partida da minha mãe para o castelo em França. Teimei semanas a fio que queria ir com ela sem conseguir dissuadi-la. Mas quando o coração do meu avô parou, ela regressou no primeiro avião a casa e chegou a tempo do funeral.

Eu adorava o meu avô. Às vezes, ele levantava-me no ar e dizia que eu era um príncipezinho. Agora ele vive a leste do Sol e a oeste da Lua e faz-me muita falta. Era inadmissível que uma pessoa tão boa como ele não pudesse continuar como chefe dos churrascos só porque o seu coração deixou de trabalhar.

Ocorreu-me este pensamento quando a rainha decidiu a minha ida para a masmorra. Ainda pensei que ela viesse a mudar de idéias, mas infelizmente, ela agora já não tiritava nem tinha frio.

— Lamento interromper os festejos, mas estes patifes vão para a masmorra antes ou depois da sobremesa? — perguntou o marechal daí a momentos.

— Quanto mais cedo melhor! — respondeu a rainha. — Não suporto crianças à minha volta todo o dia.

Umpin, o duende, e eu viramo-nos para o bom rei e imploramos com o olhar. Eu acabei por perguntar:

— Tenho mesmo de ir para a masmorra?

O rei pigarreou e, antes de responder, olhou para a rainha:

— Lamento, príncipe Poffer, mas neste palácio quem decide é a rainha.

Endireitando-se, o duende comentou:

— Majestade, como podeis dizer uma coisa dessas, vós que não sois maldoso como a rainha?

Durante muito tempo as palavras do rei ocuparam o meu pensamento.

— Eu não sou maldoso, caro Umpin, mas depois do meu coração ter sido defraudado pelas salamandras francesas, já não tenho o poder que tinha antes.

Estremeci. Afinal as salamandras eram francesas. Eu nunca tinha refletido a fundo sobre isto e tão-pouco estivera em França antes, mas qualquer coisa sempre me dissera que as salamandras vinham daquele país.

Foi uma despedida rápida. Dado que já não havia mais salamandras ali, a rainha e o marechal acompanharam-nos ao porão onde ficava o buraco que nos levaria à masmorra.

Antes de deixar a festa do jardim, ainda me virei para fazer um aceno. O único a retribuir o meu aceno foi o rei de coração fraco. Indiferente, a princesa mimada continuou a brincar com a bola de elástico enquanto Carolus, o príncipe, limpava as unhas com a espada ao pôr-do-Sol.

— Despachem-se! Não vamos estragar esta belíssima tarde de Junho a fazê-los desaparecer — resmungou a rainha ao mesmo tempo que nos empurrava pela escadaria do palácio.

Passamos pelos relógios antigos o porão escuro e, mal chegamos ao destino, a rainha e o marechal empurraram-nos pelo precipício.

Voamos durante um bom bocado em queda livre. Ainda consegui gritar para Umpin:

— Estamos a cair!

— Claro que estamos, Kristoffer Poffer! E muita sorte a nossa não termos alcançado o chão — respondeu Umpin a meio caminho.

Mas qualquer coisa deve ter amortizado a queda. Quando aterrei, nem um único arranhão sofri.

Já estávamos de pé quando ouvimos uma voz vinda de cima:

— Então passem muito bem! Duendes e príncipes Poffer aparvalhados como vós não são desejados neste palácio.

No fim soaram as gargalhadas do marechal.

O CALDEIRÃO NEGRO

— Estamos bem, Kristoffer Poffer — disse Umpin, o duende, enquanto sacudia a poeira da capa. Eu não compreendia como podíamos estar bem numa masmorra, tendo como companheiras as salamandras. Elas iam com certeza vingar-se de nós.

A queda pareceu interminável, mas o fundo da masmorra não estava completamente escuro.

— São os notilúcius que iluminam isto — explicou Umpin, indicando-me uns seres luminosos minúsculos, ordenados em filas, mais ou menos do tamanho de girinos.

— Vivem notilúcios aqui? — perguntei horrorizado. Umpin arregalou os olhos:

— Mas Kristoffer Poffer! Será que tu não sabes de onde vêm estas lagartas?

Embaraçado, respondi que não. Então o duende explicou:

— Os notilúcios são salamandras. Quando as salamandras envelhecem, costumam acender uma grande fogueira para queimar o rei e a família real, mas acabam sempre na masmorra. É aí que se transformam em notilúcios para poderem iluminar os príncipes Poffer que acabam de chegar à escuridão. Isso está escrito num livro muito antigo.

Mas que estranho me parecia tudo aquilo.

Então perguntei:

— Nesse caso, os notilúcios podem voltar a transformar-se em salamandras?

— Estou a ver que tu não lês livros antigos, meu bom príncipe Poffer. Esses livros contam que os notilúcios fazem uma longa marcha para a lagoa das salamandras de onde vieram inicialmente. E após a mutação, as salamandras regressam ao palácio, como soldados, no fim do Outono. A rainha não quer outra coisa senão salamandras francesas.

— Mas como é que elas podem regressar à lagoa ou a França, se estão confinadas a este buraco profundo? — perguntei.

— Esta masmorra não é uma masmorra — continuou Umpin. — Julgo que há aqui um vale subterrâneo que vai dar à lagoa das salamandras. Vês o rio ali em baixo? Aquele caudal é alimentado com a água das fontes do jardim real.

Olhei em redor. Estávamos na margem de um rio subterrâneo. Os notilúcios que caminhavam lentamente ao longo do rio, emitiam

alguma luminosidade.

Devia levar ainda algum tempo, até que estes vermes se viessem a transformar em salamandras. Mas que alívio eu sentia por não ter de passar o resto dos meus dias na masmorra! Se os notilúcios conseguiram fazer esta longa caminhada até à lagoa das salamandras, não havia dúvida que nós também lá chegaríamos.

— Vem comigo, Kristoffer Poffer! — esbracejou Umpin.

Caminhamos pela margem do rio. Já tínhamos percorrido alguma distância quando, de repente, a vereda desapareceu.

— Não podemos continuar a pé — disse o duende. — A partir de agora, descemos o rio no barco que está ali em baixo.

Era um barco vermelho, igualzinho ao do meu avô.

A encosta era escarpada. Ao descer a montanha, quase resvalei até à água. Daí a nada, já estávamos sentados no barco, frente a frente, como eu estive muitas vezes com o meu avô no Verão em que ele faleceu.

Fomos rio abaixo levados pela corrente, sem usarmos os remos.

Então a voz de Umpin, o duende, ressoou naquela gruta subterrânea:

— Estamos a chegar ao fundo, Kristoffer Poffer. Isto é tão profundo que só as verdades profundas valem neste lugar.

Mas eu não tinha verdades profundas para contar.

— Estamos abaixo da superfície — continuou o duende. — Aqui não há superficialidades.

Como eu não sabia onde esta conversa ia acabar, mantive-me calado.

— Sabes como se chama esta profundez? — perguntou Umpin cerimoniosamente.

Eu estava petrificado. De momento, associava tudo ao meu avô. Por isso perguntei:

— Profundez da morte?

Pensativo, o duende contemplou demoradamente o rio subterrâneo antes de dizer:

— Este é o caldeirão negro.

— A sério?

Umpin fez um movimento com a cabeça, que mais uma vez me fez lembrar o meu avô quando ele me respondia com clareza a um assunto sério.

— São quase onze horas.

Ele ainda estava a falar quando apontou para a água. Então vi uma garrafa de água mineral com rolha, mas vazia. Debrucei-me borda fora e apanhei a garrafa. Lá dentro tinha uma mensagem. A volta do bilhete com a mensagem havia uma fita de seda cor-de-rosa.

Tirei o bilhete da garrafa. Embrulhado no papel, encontrei um par de óculos. Coloquei-os na cara e, imediatamente, aconteceu uma coisa extraordinária. Eu que ainda não aprendera a ler, agora era capaz de conhecer as letras escritas no bilhete.

— Já sei ler! — gritei.

Umpin, o duende, replicou com um bocadinho de inveja:

— Se sabes ler, é porque tens uns bons óculos para ler.

Comecei a ler:

«Caro Kristoffer Poffer, atirei esta mensagem para uma nascente do jardim real com o intuito de vos prevenir que a rainha decidiu abrir todas as fontes para vos matar afogados na masmorra. Ela só está à espera de que o bom rei se vá sentar no sofá do palácio. Vai-se assistir a um dilúvio no caldeirão negro. Tens de escolher entre mirtilos e groselha espinhosa.

Cumprimentos, Princesa Aurora»

Umpin suspirou:

— Esta rainha continua a sentir prazer com a maldade.

E colocou os remos na chumaceira para remar.

Nesse instante, ouvimos o barulho ensurdecedor de uma cascata no vale subterrâneo. Uma gigantesca massa de água elevou-nos no ar e só nos trouxe para baixo quando saímos do túnel. A água espumava por cima e por baixo de nós.

Foi por um triz que não morremos afogados. Em vez disso, deslizamos até à lagoa das salamandras. O barco não virou, mas estava praticamente cheio de água e ambos os remos tinham desaparecido.

Flutuamos à deriva pela enorme lagoa. Era um dia quente de Verão e os sapos coaxavam por todo o lado. Os lagartos e as lagartixas rastejavam pela relva e, nas árvores, chilreavam os passarinhos.

A mistura de sons daquela vasta floresta era uma verdadeira orquestra. Estávamos molhados e sentíamos frio quando aportamos

ao mesmo lugar onde há muito, muito tempo, tínhamos apanhado girinos e beijado o sapo.

Aquele palácio tão alto erguia-se na escuridão, atrás da lagoa das salamandras. Os ruídos que soavam à distância deviam ser os gritos da rainha malvada, furiosa por termos escapado.

De repente, algo farfalhou na relva. O duende assustou-se. Foi quando descobri que andavam umas enormes lebres por ali.

Umpin comentou emocionado, mas baixinho:

— São as lebres reais!

— Tens medo? — perguntei. Virando-se para mim, o duende disse:

— Não reparaste como estas lebres são umas grandes medrosas?

Eu, como senti medo, àquela velocidade, não me tinha apercebido do outro pormenor. Mas assustei-me a sério quando uma rã desproporcional da América do Sul surgiu da água a rastejar.

O meu coração começou a bater com o dobro da intensidade normal e chegou até à garganta, a ponto de eu recear que me fosse saltar pela boca.

— Voltemos sem demoras ao Inverno! — ordenou Umpin.

— Vamos, sim! — concordei de imediato. Aurora gritou da torre alta do palácio:

— Prestem atenção aos perigos da maldade! Interrogamo-nos um ao outro com o olhar, antes de

Umpin dizer:

— Dá-me a tua mão, Kristoffer Poffer!

E instantaneamente voltamos a pisar a mesma camada fina de gelo. Só que agora eu tinha o mesmo pijama com carros e motorizadas, mas com um rasgão que o sapo me fizera na manga ao dar uma dentada, no momento em que deixamos uma estação para entrar na outra.

Umpin ofegava:

— Aqui eles não chegam. São perigos exclusivamente do Verão.

CRUEL

A floresta encontrava-se banhada de luz prateada e a lua cheia, redonda como um balão, estava suspensa sobre os abetos.

Agora que os perigos já tinham passado, eu caminhava sobre o gelo ao lado de Umpin, o duende, sem saber o que dizer.

— Sim, sim... — repetiu o duende umas três vezes. Ele parecia querer entabular conversa, mas não sabia por onde começar. Por isso, eu falei:

— Subiu-me o coração à garganta.

O duende olhou para mim com uma lágrima no canto do olho, dizendo:

— Antes ter o coração na garganta a não ter coração nenhum.

Aquela resposta deixou-me inquieto. O príncipe contou-me um dia que os duendes andavam sempre atrás de um coração humano e que a procura se desenrolava na fase de lua cheia sobre a camada fina de gelo que envolve a neve.

Então perguntei ao acaso:

— Mas como é que tu sabes que não tens coração? O duende, impaciente, olhou para mim antes de dizer:

— Toda a gente sabe que os duendes não têm coração. Se quiseres, tu próprio podes verificar o que isso é.

Aproximei-me dele e escutei-lhe o peito. O silêncio era total.

— Eu não compreendo como tu podes viver. O meu avô morreu quando o coração dele deixou de bater.

E o duende respondeu:

— Kristoffer Poffer, se eu não tenho um coração que palpita continuamente, é porque não sou de carne como tu e os sapos da floresta. E se não sou de carne, então devo ser um sonho. Como sonho que sou, alguém tem de sonhar comigo. Nesse caso, esse alguém deves ser tu.

O duende premiu o indicador contra o meu peito, até quase me magoar.

Fiquei com medo. Se Umpin era um sonho, era a primeira vez que eu entrava no sonho. E se eu entrasse inteirinho nesse sonho, não estaria na cama quando os meus pais me fossem acordar na manhã seguinte. Onde é que eu podia estar então? Se já é difícil encontrar uma criança perdida na floresta, o que não seria tentar encontrá-la num sonho?

— Não é possível — comentei com os meus botões e com lágrimas nos olhos.

— É possível, Kristoffer Poffer — continuou Umpin, o duende.
— O teu avô já morreu, porém ele continua vivo nos teus pensamentos.

— Mas isso não é a mesma coisa — respondi. — Tu não tens o direito de falar nele. Tu nunca te sentaste ao colo dele, nem ouviste as histórias que ele me contou.

Umpin andava de um lado para outro, com os braços atrás das costas quando disse:

— Infelizmente isso é a mesma coisa, meu bom Kristoffer Poffer. Nem eu, nem o teu avô sentimos o sol na cara como tu, porque pertencemos à imaginação. É certo que eu nunca estive sentado ao colo do teu avô nem de qualquer outro ser humano, mas estive sempre presente em muitas das histórias que ele contou. Já te esqueceste, por acaso, das histórias que ele te contou sobre duendes, príncipes e castelos brancos e majestosos, onde se passam acontecimentos emocionantes?

Claro que eu não podia negar aquilo. Mas era difícil aceitar que Umpin era um sonho. Eu não fazia idéia de muitas das coisas que ele me contara e, quem vive num sonho, em princípio não é mais esperto que aquele que sonha.

Eu estava decidido a analisar melhor esta questão.

O duende refletia ainda quando eu falei:

— Deixas-me adivinhar os teus pensamentos? Espantado, Umpin concordou.

Agora chegara a minha vez! Se Umpin era o meu sonho, devia ser fácil ler os pensamentos dele.

— Tu estás a pensar em panquecas.

— Errado! — respondeu o duende prontamente. — Estou a pensar como seria bom beber agora um copo de sumo.

Ainda bem que eu não adivinhei corretamente. Isso só veio provar que Umpin, o duende, não era um sonho.

Mesmo assim, ainda perguntei uma outra coisa tão difícil que nem mesmo eu sabia a resposta.

— Qual é a montanha mais alta do mundo?

— Isso é muito fácil, meu bom Kristoffer Poffer. É o pico do Everest!

Ri-me.

— Mas que interessante. Nem eu próprio sabia isso. Umpin coçou as orelhas como se eu tivesse dito algo que não batia certo.

— Estás a ver? Tu vives a tua própria vida — disse o mais alto que pude. — Tu não és o meu sonho. Se a escolha dependesse de mim, eu nunca sonharia com sapos, salamandras, rainhas malvadas ou marechais da corte que lêem os pensamentos dos outros. Desalentado, Umpin sacudiu a cabeça:

— Kristoffer Poffer. Tu és um príncipezinho adorável, mas nem sempre és muito esperto.

E apontou para o bosque em frente:

— O mundo está ali adiante, onde existem pessoas estranhas, animais e muitos países estrangeiros. Tu não me vais dizer que

conheces tudo o que há por esse mundo fora, pois não?

O meu avô costumava falar exatamente assim.

Respondi que não. Eu estivera uma vez em Inglaterra e na Euro Disney mas nem sabia sequer ainda o nome de todos os pássaros que voavam em volta da minha casa.

Umpin continuou:

— Bem, esse é o mundo exterior. Mas existe um mundo dentro de ti. E esse é o mundo da imaginação. Vais-me dizer também que conheces tudo o que está lá dentro?

Mas eu não podia afirmar que conhecia e, embaraçado, baixei a cara. Umpin disse então:

— Paremos de falar nisto e em coisas afins. Falemos antes do coração, que é um tema muito conhecido por nós, os duendes.

O meu coração batia cada vez com mais força. Como acontecia com o sapo, ele não parava de subir e descer. Então o duende comentou:

— Não é estranho que o coração bata continuamente sem que se lhe dê corda? Mesmo quando as pessoas dormem ou pensam, ele é mais exato que um relógio.

Umpin olhava para mim de olhos entreabertos. Nessa ocasião, tive a certeza de que chegara a hora de Umpin me roubar o coração e por isso resolvi fazer-lhe uma pergunta direta:

— É agora que me vais roubar o coração?

Em vez disso, Umpin sorriu calorosamente e com tanta sabedoria que me fez recordar o meu avô nos momentos em que ele me ia contar qualquer coisa agradável.

— O teu coração bate por ti e por mim, Kristoffer Poffer. Por isso não o roubarei.

OS PERIGOS DO VERÃO

Sob um luar intenso, Umpin, o duende, observava-me fixamente como se ainda estivesse a refletir sobre se éramos dois ou apenas um. Por fim, disse:

— Cá estamos ao luar.

Eu começava a ter dúvidas. Estaríamos num lugar diferente? A cara e a roupa de Umpin começavam a desvanecer-se.

— Tudo isto foi um sonho — admiti.

Um sonho que não tinha sido muito agradável, mas eu começava a sentir uma certa nostalgia. Quando o duende voltou a falar, o seu rosto estava corado:

— Caro Kristoffer Poffer. Não há nada que se chame «apenas» sonho. É tão disparatado dizer apenas «sonho», como dizer apenas «realidade», quando um príncipezinho tanto vive no país dos sonhos como no seu próprio país.

A lagoa das salamandras estava coberta por uma camada esbranquiçada de gelo. Mas debaixo da neve e do gelo, permanecia o Verão ameaçador. O degelo traria novos perigos de Verão.

— Na realidade, apenas fugiste dos problemas — disse Umpin pensativo.

Era covardia da parte dele atribuir-me culpas por termos fugido dos perigos do Verão.

Então respondi como se fosse um adulto:

— Quando as coisas correm mal, foge-se.

Umpin discordou:

— Quem vira as costas a um sonho, é freqüentemente perseguido por esse sonho. Devemos enfrentar um sonho como enfrentamos um lobo na floresta.

Mas eu nunca tinha encontrado lobos na floresta e por isso perguntei:

— Como?

— Quando encontrares um lobo pela tua frente, nuncaurras. Se fugires, o lobo virá atrás de ti e tu sabes perfeitamente que os lobos são bem mais velozes que os príncipes Poffer. Em vez disso, pára e fita-o intensamente nos seus olhos verdes, até que o teu olhar penetre no interior da cabeça dele. Se ele não vier ter contigo, mansinho como um cordeiro, então fugirá para se esconder. É o que vai acontecer com os perigos do Verão, com as rainhas e marechais maldosos.

— Não acredito nisso — disse eu decidido. — A rainha é tão má que ninguém pode prever o que ela vai fazer a seguir.

O duende tentou fazer um buraco na neve com o pé.

— Quem sabe? Bem lá no fundo, ela até pode ser boa.

Zanguei-me com o duende. E falei severamente, com o dedo apontado para ele:

— O que é que te faz crer que a rainha é boa quando ela nos mandou para a masmorra?

— Há muitas coisas que poderão não ser compreendidas por um príncipezinho Poffer.

Umpin continuou a olhar para a lagoa e disse logo depois:

— Tu que te assustaste com os perigos do Verão, deves provar agora que és mais forte que todos eles. Senão, serás perseguido pelo medo toda a vida. É imprescindível que voltes ao palácio.

Não era a primeira vez que Umpin dizia coisas ajuizadas. Mas eu não imaginava regressar já ao palácio.

— E se eu desapareço no sonho? — perguntei. Impaciente, Umpin andava de um lado para o outro na neve, como se o tempo começasse a escassear.

— O que desapareceu no sonho foi uma coisa completamente diferente; foi a chave de várias coisas. Já te esqueceste por acaso

que tinhas uma chave ao pescoço quando andavas desorientado a arrastar os pés pela penumbra no palácio?

O duende olhou para mim como se acabasse de revelar um segredo e continuou:

— A Salamandra não ficará presa eternamente. Um castigo desses seria demasiado pesado até para uma Salamandra.

Fiquei petrificado quando ouvi a palavra Salamandra pela segunda vez.

E declarei bem alto:

— Não ousa regressar aos perigos do Verão.

— Ai, não? — replicou Umpin. — Ou vais buscar a chave, ou jamais voltarás a ver os teus pais e a tua enorme casa com varanda

e cadeiras de lona.

— Mas eu posso telefonar — respondi.

— Com certeza. Mas não será o teu pai, nem a tua mãe a atender-te e, se te dirigires para lá, será a rainha ou o marechal que te vão receber. Quando uma pessoa perde a chave da casa num palácio imaginário, os habitantes do palácio mudam-se para a casa verdadeira e as pessoas da casa verdadeira vão viver para o palácio imaginário. Tudo isto e outras coisas estão escritas num livro muito antigo.

Engoli em seco, antes de compreender as palavras de Umpin. Mas eu já não duvidava de Umpin, depois de tantas coisas sábias que ele me contara.

— Então é assim! — disse Umpin. — Ajudo-te agora mesmo a transpor a fronteira do Verão para o Inverno.

Era indispensável a ajuda dos duendes para que os príncipes Poffer pudessem efetuar esta viagem. O meu corpo tremia sob o

pijama.

— Dá-me a mão, Kristoffer Poffer! — disse o duende. Eu voltara novamente à lagoa das salamandras e estava tão bem vestido como um príncipe. A escuridão desaparecera. Era muito cedo e amanhecia.

Uma camada muito fina de gelo cobria a lagoa das salamandras. Acima do nevoeiro, o sol estava prestes a romper para um novo dia e o céu tornava-se vermelho como murtinhos. Os sapos que coaxavam à borda de água eram iguais àqueles que eu via aos milhares nos meus passeios de domingo.

— Kristoffer Poffer — disse Umpin, o duende, — não te disse isto antes, mas os duendes não podem visitar o mesmo palácio duas vezes. Desejo-te boa sorte! Se fores capaz de enfrentar os perigos, nada tens a recear.

Estas foram as últimas palavras do duende antes do seu braço se dissipar. Em seguida, desapareceu uma perna e, gradualmente, o resto do corpo para aquilo que parecia ser o outro lado do ar.

Era de madrugada e eu estava só. Sentia os pés frios. Como seria bom ter um edredom quentinho para me tapar ali, no meio da floresta! Foi a última vez que eu vi Umpin e isso entristeceu-me.

A CHAVE

Caminhei em direção ao palácio. Passado um pouco, avistei um enorme sapo que vinha a saltitar do jardim real. Parei de repente e fitei-o nos olhos. Ele virou-me as costas imediatamente e desatou a correr para o palácio.

Por este portão tinha eu passado há muito tempo na companhia de Umpin, o duende, e de Carolus Rex. A fogueira ainda fumegava no largo do palácio.

Apesar de ser madrugada, a família real já estava reunida em redor da grande mesa. Sentado num banco, de braços cruzados, o marechal olhava para os presentes.

Mal cheguei, a rainha levantou-se. Viraram-se todos para mim quando ela ordenou:

— Kristoffer Poffer! Chega aqui imediatamente! A rainha deve ter julgado que eu não era capaz, mas eu estava preparado para enfrentar o seu olhar.

Aproximei-me da mesa. Como estava na presença de uma rainha, fiz uma vênia, mas não desviei os meus olhos dela pelo fato de ela ter os seios descobertos.

A rainha baixou a cabeça e pediu:

— Aurora! Vai buscar uma camisola, por favor. — E vestiu a camisola lilás que a princesa lhe trouxe.

Como o meu pai habitualmente fazia, eu perguntei com delicadeza:

— Como estão os senhores?

A resposta partiu da posição mais alta.

— Muito bem depois de tu e Umpin terem ido para a masmorra — respondeu o marechal.

Devia ser verdade. A família real jogava às cartas, que era um dos meus passatempos favoritos. O comentário do marechal não me intimidou.

A rainha então explicou:

— Estamos a jogar ao Rei de Copas.

Depois de eu a ter olhado fixamente nos olhos, a voz da rainha tornou-se mais simpática e suave e já não estava zangada. E explicou:

— Quem ficar com o Rei de Copas, ganha o jogo. Não se pode trocar com o oito ou qualquer outra carta.

— É por isso que o troca-tintas do marechal não joga? — ousei perguntar.

Ao ouvir o meu insulto, o marechal deu um salto no banco e o rei respondeu:

— Ele não joga, porque pode ler os pensamentos dos outros. Este dom pode ser muito útil mas, no jogo das cartas, pode facilmente ser usado para se fazer batota.

— Queres jogar conosco? — perguntou Aurora, deixando espaço entre si e o príncipe Carolus.

— Agradeço muito a atenção — respondi. — Seria muito agradável, mas primeiro tenho de fazer uma coisa mais importante.

Olharam boquiabertos uns para os outros. Comecei a andar em direção à escadaria do palácio.

— Kristoffer Poffer — perguntou o rei, — não nos queres falar desse assunto que é assim tão importante?

Virei-me para a assembléia e proferi em voz alta:

— Na última vez que estive aqui, aconteceram tantas coisas ao mesmo tempo que me esqueci da chave de várias coisas na torre alta do palácio.

— É verdade?

Depois o rei virou-se para a rainha e acrescentou:

— Creio que este rapaz descobriu a chave do mistério.

Eu não compreendi o que ele queria dizer com aquilo. O marechal estava inquieto. A rainha franziu o nariz e, como se tivesse medo que eu viesse a cair e me magoasse, perguntou:

— Ele vai subir à torre alta sozinho? O marechal pigarreou antes de dizer:

— Isso não me parece aconselhável. Para começar, nunca se sabe o que estes príncipes Poffer podem fazer quando vagueiam sozinhos por palácios muito grandes. Por influência dele, a rainha até já vestiu uma camisola. Foi certamente Umpin, o duende, que lhe ensinou. Os duendes sabem como controlar os pensamentos dos outros.

— Mas que disparate! — respondeu a rainha. — Se eu vesti uma camisola, é porque tinha frio. Além disso, não gosto que te metas onde não és chamado.

E desviou o seu olhar do formal marechal para mim:

— Kristoffer, volta logo que acabes. Tenho uma coisa para te dizer.

A meio da escadaria, virei-me para observar o jardim do palácio. Os sapos descomunais da América do Sul andavam por entre as árvores e as cadeiras de lona. Um ou dois, pelo menos, tinha um chocalho à volta do pescoço. Do alto da escadaria ouvia chocalhar. Já tinha visto antes vacas, carneiros e até um cavalo com chocalho ao pescoço, mas um sapo assim apetrechado era novidade para mim.

Ao entrar no palácio, encontrei logo as escadas que iam dar à torre alta. Não demorou muito até ouvir os ruídos desagradáveis que vinham da gaiola da donzela. Cheguei no momento exato.

A Salamandra crescera tanto desde a última vez que começava a sair pelas grades da gaiola.

— Deix...me... saaiirr! — queixou-se quando me viu.

Baixei-me para procurar a chave.

— Antes de saíres, tens que me dizer quais são os planos das salamandras aqui no palácio.

A Salamandra mirou-me com aqueles olhos escuros de groselha. Era um olhar tão penetrante que quase me queimou a face. Mesmo assim, eu nunca desviei os meus olhos.

— Nãoo... pooosso... — murmurou.

Estas palavras faziam lembrar pequenas salamandras a entrar-lhe pela boca.

— Euuu... prrroomeetiii... ããooo... reeveelaaarr... ooosss...
plaaanoos... neeem... aaos... prrriinciipeees... Póófeeerrr... neeem...
aaa... Uuumpiin... ooo... due-endeee...

Inicialmente pensei que ela tinha dificuldades em falar. Mas depois apercebi-me de que ela carregava nos rr como os franceses.

— Muito interessante! — repliquei. — Se não me dizes a verdade, ficarás fechada à chave para sempre.

Bastou um pequeno movimento para que a sua cauda saísse pelas grades.

— Vouuu... vouuu... dizeerr... — gemeu a Salamandra.

— Porque é que roubaram o coração do rei?

De focinho colado às grades, aqueles olhos de groselha observavam-me:

— Iiaa... mooo... noos... apoodeerrarr... dooo... paláááciioo...
eee... queeiimarr... o reiii... eee... aaa... famííliaa... reaal... naaa...
foogueiirra...

— Foi a rainha quem conjecturou tudo, não foi? — perguntei.

— Nãaaoo... — sussurrou a Salamandra — eelaaa... eestááá...
inoceenteee...

Só então me ocorreu que a Salamandra falava assim, porque a gaiola era pequena e ela mal podia respirar.

— Deixaaa-meee... saaiirr... daquiiii... poorr... faa-voorr.

Antes de abrir o cadeado, ainda perguntei:

— E quem ia tomar conta do poder?

— Ooo... maarrechaal...

Dei a volta à chave e libertei aquela gorda Salamandra da gaiola da donzela. Ainda estendida no chão, tremia como se fosse um grande pudim de chocolate.

— Tu também tomaste parte nesta conspiração. Agora que estás livre, prometes que nunca mais farás a mesma coisa?

A Salamandra concordou várias vezes, movendo o seu corpo pesado.

— Vamos prender imediatamente o marechal que está no jardim do palácio.

Então abri a porta e empurrei-a à minha frente. A Salamandra resvalou nas escadas, e quando se levantou, desatou a correr por ali abaixo. Ao sair do palácio, desceu a escadaria aos trambolhões. Cheguei a recear que ela se partisse aos bocados, antes de prendermos o marechal.

O MARECHAL

Enxotei a Salamandra até ao jardim real. Havia alguma névoa por entre os arbustos. As árvores e os tufos de nuvens que pairavam no céu pareciam irromper do sol adormecido.

Quando nos aproximamos, os outros cantavam uma cantiga chamada «O urso dorme». Ao marechal coube o papel de urso enquanto os outros dançavam à volta, de mãos dadas.

Saí dos arbustos e apareci no momento em que eles cantavam «se tiveres cautela, ele não é perigoso».

— Infelizmente esse urso é muito perigoso — gritei com toda a força dos meus pulmões. — Não acreditem nele!

O jogo parou. Endireitando-se, o marechal passou a mão pelo uniforme e dirigiu-me um olhar cortante.

— Mas que tolice é esta? — indagou a rainha.

— Este marechal não é tão inocente como parece — respondi.
— Ele tenciona queimar-vos a todos na fogueira.

Foi então que eles repararam na Salamandra.

— Mas o que é que eu estou a ver? — exclamou a rainha. — Julgava que as salamandras estavam todas na masmorra.

O marechal já não estava tão empertigado como antes. O seu uniforme não tinha poeira, mas ele coçava-se por todo o corpo.

— Agora resta apenas esta Salamandra — disse eu. — Ela sabe toda a verdade sobre o marechal e a rainha.

Sentaram-se todos. O marechal lançou um olhar em redor como se estivesse a considerar uma fuga. Mas fugir seria admitir que tinha cometido erros. Então sentou-se também.

A voz terna do rei fez-se ouvir:

— Ouve lá, Kristoffer Poffer. Se metade daquilo que nos contaste está correto e se o marechal tencionava queimar-nos na fogueira, então este caso é muito grave. Mas a questão agora é descobrir a verdade.

O marechal sorria com superioridade quando disse:

— Está absolutamente correto, Majestade. Este príncipe Poffer não é outra coisa senão um príncipe qualquer da floresta que entrou

furtivamente no palácio na companhia de um duende. As histórias dele não são verdadeiras.

— Quem mente é ele! — gritei. — Ele não é marechal. Ele é o duende furibundo que transformou o príncipe Carolus Rex em mil girinos.

A gargalhada do marechal retiniu tanto que quase o abafou.

Mas a rainha encontrou solução para o desacordo:

— Esta discussão é desnecessária e sem sentido quando há alguém aqui que lê os pensamentos dos outros. Marechal, sobe para cima do banco.

Ele subiu imediatamente. Lembrei-me da última vez que ele subira para cima do banco e pensei se eu não teria cometido algum disparate. Ainda considerei fugir. Mas Umpin tinha-me avisado que fugir dos perigos do palácio estava fora de questão. Assim, cravei os meus olhos nos olhos do marechal e fiz-lhe caretas.

— Marechal — começou a rainha, — é verdade que a fogueira se destinava a queimar o rei e a rainha ou é tudo isto uma invenção de duende?

O marechal ouviu a rainha, de braços cruzados, e parecia descontraído:

— Majestade, esta história é uma pura invenção. Condeno, pois, este príncipe Poffer à morte no caldeirão negro antes das onze horas.

— Oh, não! — gritou Aurora horrorizada. Acabava de atingir a face do marechal com a bola com que brincava. Carolus Rex levantou-se de repente e deu uma pancada na mesa com a espada.

— Silêncio! — ordenou a rainha. — Todos nós estamos a ouvir o discurso do marechal.

O rei tossiu para chamar a atenção, mas a rainha continuou a falar com o marechal.

— Também lêes os teus próprios pensamentos? Assustado, o marechal por pouco não caiu do banco.

— Lê os teus pensamentos! — repetiu a rainha asperamente.

— Eu... eu pensei que... — foi tudo o que o marechal articulou antes de desatar a tossir.

— Pensaste o quê? — repetiu a rainha, olhando fixamente para o marechal. — Responde agora mesmo. Se demoras a responder, é porque mentes.

— Eu pensei que é verdade... Fui eu que enfeiticei as salamandras... para que capturassem a família real e ... a atirassem à fogueira. O poder ficaria assim... nas minhas mãos... e tornar-me-ia rei. As declarações deste príncipe são corretas... Eu também transformei o príncipe... em todos aqueles girinos idiotas.

Depois sucumbiu no banco.

Então, o rei falou:

— Este príncipe afinal tem razão. Ele salvou-nos de uma enorme desgraça.

A exceção do rei, mais ninguém abriu a boca.

— E a verdade completa ainda não veio à luz do dia. Segundo o príncipe, a Salamandra revelou a verdade sobre o marechal e a rainha. Ouçamos a verdade sobre a rainha.

O rei observou o marechal sentado no banco e depois dirigiu um olhar apreensivo à sua adorada rainha. O marechal declarou:

— A verdade é que, além de bruxa, a rainha é ardilosa e má.

A rainha riu-se com as acusações. No fundo também me ri. Ri-me tanto em pensamento que senti cócegas pela espinha abaixo. Eu sabia muito bem que o marechal mentia.

— Podes dizer agora em que pensaste quando afirmaste que eu sou ardilosa?

— Umm... pensei que a rainha... está inocente — e o marechal voltou a sucumbir no banco.

— E essa é a verdade completa? Não respondas. Pouparamos tempo se leres os teus pensamentos.

O marechal tossiu e clareou a voz antes de falar:

— Creio que apenas metade da verdade foi revelada. A rainha não estava grande coisa ontem, porque eu manipulei os pensamentos dela, de forma a torná-la má. Kristoffer Poffer e Umpin, o duende, estão inocentes. Ela estava enfeitiçada quando abriu as fontes com o intuito de os afogar no caldeirão negro.

Aquela revelação apanhou de surpresa todas as pessoas presentes.

— Há muito tempo que eu não ouvia uma coisa tão hedionda!
— exclamou a rainha. — O feitiço acaba aqui!

E, sacudindo os ombros, a rainha esfregou os olhos antes de me abraçar. Por fim, disse:

— E muito desagradável termos de nos zangar com alguém de quem gostamos.

Para dissimular que o abraço me comovera, retive a respiração. No fundo do meu coração, desde o primeiro momento

após a minha chegada ao palácio, sempre desejei ter uma boa relação com a rainha.

Carolus Rex falou:

— O marechal é o espião deste palácio. Não se faz batota só quando se lê os pensamentos dos outros numa partida de cartas. Batota é também ludibriar o coração do rei e metade do reino. Por isso, ser-lhe-á aplicada uma pena pesada.

De pé, a rainha olhou para o marechal:

— Ouviste muito bem as palavras do príncipe. Ouçamos agora a tua sentença.

Quase tive pena daquele marechal maldoso. Se já não é bom ser-se julgado, muito pior é pronunciar a sua própria sentença.

— Esta é a minha sentença: Expulsão do palácio real e da floresta vizinha. Jamais regressarei aqui — declarou o marechal pesarosamente.

A rainha voltou-se para o rei:

— Aceitamos esta sentença?

O rei concordou, mas acrescentou:

— Aceitamos com efeitos imediatos.

De pé, o príncipe deu duas pancadas na mesa com a espada.

O marechal saltou do banco para o chão, olhou em redor por um momento. Então a rainha disse:

— Agradeço que deixes sobre a mesa esse lindo uniforme pertencente ao palácio.

O marechal despiu o uniforme sem hesitações e sentiu-se acabrunhado por ficar apenas em roupa interior.

— Põe-te a andar agora! — ordenou o rei.

Sem mais delongas, ele caminhou em direção aos arbustos de onde a Salamandra observava tudo. Tão silenciosa estava que ninguém deu pela sua presença.

— Apanha-os e lança-os a todos na masmorra! — ordenou o marechal.

De imediato, a gorda Salamandra avançou para nós, mas eu fitei-a nos olhos e ela parou no último momento. Então eu falei:

— Nem sonhes apanhar-nos. Ordeno-te que vás atrás do marechal até ele abandonar a floresta.

Não necessitei de dizer mais nada. Com a Salamandra no seu encalço, o marechal desatou numa correria desenfreada. Ouvimos ambos gritarem e berrarem até à lagoa das salamandras e nunca mais voltaram.

O NASCER DO SOL

Após a fuga apressada do marechal a seguir às decisões do palácio, com a Salamandra a persegui-lo, reinou a paz e a concórdia em redor da mesa. Então a rainha levantou-se para falar dos acontecimentos estranhos dos últimos tempos no palácio e iniciou o discurso assim:

— Caro príncipe Poffer. Este é o despertar para um grandioso dia. Foi finalmente quebrado o feitiço que me tornou maldosa e mesquinha para contigo e para com Umpin, o duende. É deveras misterioso como os prazeres da maldade me tornaram cega. Agora que tudo está como antes, deixemos o mistério por desvendar. Os príncipes Poffer estão mais perto do meu coração que quaisquer outros prazeres. A partir de agora, serás sempre bem-vindo ao palácio.

Tanto o príncipe como a princesa aplaudiram.

— Hurra! — exclamou Aurora bem alto, dando a volta à mesa para pegar nas minhas mãos. — Vamos fazer coroas de flores e vendê-las por um preço barato. Com o dinheiro que ganharmos, podemos depois comprar qualquer coisa para comer.

Mas como tudo isto era estranho. Eu costumava fazer coroas de flores com Camilla. Quando o cesto estava cheio, íamos para a cooperativa que fica junto à estrada, e vendíamos as coroas feitas com as flores mais lindas do mundo a pessoas que por ali passavam. Se por um

lado nós proporcionávamos mais cor e alegria à vida cinzenta e tristonha daquelas pessoas, por outro lado, podíamos comprar gelados e chocolates com o dinheiro que recebíamos.

O rei tossiu repetidas vezes.

— Tão valente como foste, Kristoffer Poffer, serás sempre bem-vindo a este palácio. Vou armar-te cavaleiro da mesa deste jardim e condecorar-te. Dominaste com mestria e extrema habilidade os perigos que pairavam sobre o palácio. Não só controlaste os teus pensamentos como também os do marechal, fazendo com que toda a verdade viesse à luz deste grandioso dia.

Dirigiu-se então aos filhos e acrescentou:

— A princesa Aurora condecorar-te-á e o príncipe Carolus Rex elevar-te-á, Kristoffer Poffer, a cavaleiro do palácio.

Enquanto a princesa corria para o palácio, o príncipe Carolus Rex veio ter comigo e ordenou que me ajoelhasse a seus pés. Depois tocou-me com força no ombro com a espada. Magoou um pouco, mas um verdadeiro cavaleiro conseguia suportar aquilo.

O rei e a rainha aplaudiram a minha coragem por ter suportado o toque forte da espada sem derramar uma única lágrima.

Aurora voltou com um documento numa mão e um grande gelado na outra.

Eu comia o gelado, quando o rei leu o documento escrito com a caligrafia bonita de uma verdadeira princesa:

O PRÍNCIPE KRISTOFFER POFFER É NOMEADO, NESTE DIA GRANDIOSO, CAVALEIRO DO PALÁCIO

POR TER LUTADO CONTRA O MALDOSO MARECHAL E AS REPUGNANTES SALAMANDRAS. ALÉM DISSO, DESEMPENHARÁ TAMBÉM AS FUNÇÕES DE DIPLOMATA DESTE PALÁCIO.

QUE O SEU BONDOSO CORAÇÃO LUTE SEMPRE EM PROL DAS CAUSAS JUSTAS!

Quando terminou, voltei a pensar no que aconteceu durante a ausência da minha mãe no castelo em França. As coisas agradáveis que se passaram entretanto aqui no palácio jamais poderiam fazer ressuscitar o meu avô.

Estes pensamentos foram interrompidos no momento em que o rei me convidou para ver o nascer do Sol, a partir de uma colina que ficava atrás do palácio. Ele tinha um segredo para me revelar. Os festejos tinham chegado ao fim, e o rei ordenou que os outros fossem para dentro de casa para arrumarem tudo. O carreiro que percorremos era estreito e ladeado por arbustos e árvores do jardim real. Eu costumava dar passeios longos com o meu avô e, agora, à medida que avançávamos, achava o rei cada vez mais parecido com ele.

Já quase no topo da colina, a lagoa das salamandras e o palácio pareciam cada vez menores. A floresta, por outro lado, dava a impressão de ser muito mais vasta.

Ainda enquanto caminhávamos, o rei perguntou:

— Sentes muito a falta do teu avô, não sentes?

Eu disse que sim, sem desviar os olhos do musgo e da urze.

— Foi por isso que te empenhaste tanto em me devolver o coração que as salamandras me roubaram?

Mas que pergunta estranha! Nunca me ocorrera tal coisa.

Olhei para o rei e disse-lhe que sim. Ele parecia mesmo o meu avô. Só faltava que ele tirasse o cachimbo para fumar, como o meu avô fazia quando estávamos no alto de uma montanha ou quando, sentados no barco, esperávamos que o peixe mordesse.

Dali, avistamos a floresta em redor. O palácio era tão pequeno como o palácio de um conto de fadas e, mais ou menos, do tamanho da casa de bonecas de Camilla, em Telemark. Daquela distância, a lagoa das salamandras, que ficava atrás do palácio, tinha a dimensão de uma poça de água qualquer.

Tive a sensação de que ia ser um dia especial. O Sol estava prestes a nascer a oriente e os tufos de nuvens avermelhadas aproximavam-se a uma velocidade cada vez maior. Bastante longe, os sapos comiam erva por entre os arbustos e as árvores do jardim

real. Lá muito ao longe ainda conseguimos avistar a Salamandra atrás do desleal marechal.

— Eles vão correr até ao fim do mundo — comentei, apontando para aqueles minúsculos pontos à distância.

O rei concordou:

— Quando marechais e salamandras desta laia desatam a correr, nunca mais param.

Aquela voz era igual à do meu avô. Elevei o olhar. Eu já não tinha quaisquer dúvidas. Pelo sorriso sábio, soube que o rei *era* o meu avô. Abracei-o, exclamando:

— Avô!

Ficou um pouco decepcionado por eu ter revelado o segredo antes dele e puxou-me levemente o cabelo:

— Senta-te, filho... — convidou-me, apontando para uma pedra.

Por uns longos instantes, olhou para mim em silêncio. Espreitava certamente para o interior da minha cabeça onde os pensamentos vivem.

Por fim, disse:

— Kristoffer Poffer, se cada vez estou mais idêntico ao teu avô e um dia me tornar igual a ele, isso não significa que voltarei à tua casa com varanda e cadeiras de lona. Mas também não será preciso, porque o teu avô fez do teu coração a sua casa.

Um pouco desiludido, eu disse comovido:

— Mas um avô não cabe no coração de uma criança. O rei acariciou-me o cabelo enquanto eu observava as nuvens que deslizavam no céu mais depressa que os pássaros e disse:

— Um bom coração tem sempre lugar para um avô amigo. Mas isto é só parte da verdade. A outra é que o teu avô está instalado nos teus olhos.

— Ah, sim? — respondi, esquivando-me às carícias. — Se ele desapareceu, já não pode ver o mundo.

O rei tossiu umas três ou quatro vezes, antes de dizer:

— Mas Kristoffer Poffer, não eras tu o melhor amigo do teu avô?

Concordei.

— E ele não acreditava no que lhe dizias mesmo sem o ter visto com os seus próprios olhos?

Voltei a concordar. Uma vez vi uma lebre perto da casa de Verão dos meus avós. Entrei em casa precipitadamente para contar-lhe o que vira. Ele, porém, respondeu que, se eu vira, ele já não precisava de sair do sofá para ver a mesma coisa. Outras ocasiões pediu-me que visse coisas por ele... Uma noite ele estava tão cansado e com tanto sono que até me mandou verificar se estava lua cheia.

— Vê a floresta lá em baixo? — prosseguiu o rei. — Vê a floresta em redor?

Concordei também desta vez.

— Isso basta para o teu avô. Por isso, podemos ver o nascer do Sol a partir deste lugar.

No instante em que o sol incandescente irrompeu por detrás das montanhas, a oriente, o rei desapareceu. A semelhança de

Umpin, o duende, o rei retirara-se para o país que fica do outro lado do ar. O Sol preparava-se para um novo dia e encarei tudo isto com naturalidade.

Quando o rei — ou o meu avô — se dissipou, um bando de pardais desceu do céu. Trinta ou quarenta pássaros chilreavam em unísono e davam a impressão de que riam. Ri com eles. Não parava de rir, como se aquele dia tivesse sido criado apenas para o riso.

Continuei a admirar a enorme floresta dali, daquele lugar onde eu estava. Os pássaros voavam com leveza sobre o arvoredo. Mas os lagartos e as salamandras já não se arrastavam pela relva e os duendes e os reis imaginários tinham-se retirado para os lugares onde pertenciam.

A noite estava acabando e agora o Sol tingia de amarelo as torres brancas do palácio. A floresta, extensa e frondosa, rodeava-me e o Sol subia cada vez mais alto no céu.